

AYN RAND

HINO



WWW.ELIVROS-GRATIS.NET

HINO

Por
Ayn Rand

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, COMPARTILHE !

Edição Criada e Formatada por:

<http://www.elivros-gratis.net>

Tradução de Ubiratan Jardson dos Montes
Contato: ubiratandosmontes@hotmail.com

Conheça o Projeto 1000 Livros em:
<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>

CAPÍTULO UM

É um pecado escrever isto. É um pecado pensar palavras que outros não pensam, e coloca-las em um papel, que outros não poderão ler. É algo, basicamente, mau. É como se fôssemos surdos e falássemos sozinhos. E nós sabemos muito bem que não existe maior transgressão do que ficar ou pensar sozinho. Nós quebramos as leis. As leis dizem que os homens não podem escrever, a menos que sejam autorizados pelo Conselho de Vocações.

Que possamos ser perdoados!

Mas esse não é o nosso único pecado. Nós cometemos o maior dos crimes, para o qual não existe nome. Que tipo de punição recairá sobre nós, se formos descobertos, não sabemos, pois nossos crimes são novos e ainda não existem leis que os regulem.

É escuro aqui. A chama da vela fica parada no ar. Nada se move neste túnel, salvo nossa mão sobre o papel. Estamos a sós, aqui debaixo da terra. É terrível a palavra solidão. As leis dizem que nenhum, entre os homens, pode estar só, nunca e em nenhum tempo, pois isto é uma grande transgressão e é a raiz de todo o mal. Mas nós quebramos muitas leis. E agora não existe nada aqui, salvo o nosso corpo, e é estranho ver apenas duas pernas esticadas no solo, e na parede diante de nós, a sombra de nossa cabeça.

As paredes estão rachadas e a água corre pelas rachaduras, sem fazer ruído, parecendo-se com sangue. Nós roubamos a vela da despensa do Departamento de Varredores de Ruas. Nós seríamos sentenciados a dez anos no Palácio de Detenção Corretiva, se isso fosse descoberto. Mas não importa. O que importa é apenas que a luz é preciosa e nós não devemos desperdiçá-la para escrever, quando nós precisamos dela para o trabalho. Escrever é o nosso crime. Nada importa mais do que salvar o que escrevemos, o nosso segredo, o nosso mal, a nossa preciosa escrita. Ainda, nós precisamos mais. Escrever e falar – e que o Conselho tenha piedade de nós!

O nosso nome é Igualdade 7-2521, conforme se encontra gravado no bracelete de ferro, que todos os homens usam em seus pulsos esquerdos. Nós temos vinte e um anos de idade. Nós temos um metro e oitenta de altura, e isso é um problema para nós, por conta de existirem poucos homens de tal estatura e, portanto, chamarmos muito a atenção.

Os professores e os líderes, desde cedo, franziram a testa para nós e disseram: - “Há o mal nos seus ossos, Igualdade 7-2521, pois seu corpo cresceu além dos corpos de seus irmãos.” - Mas não podemos mudar nossos ossos e nem o nosso corpo. Nascemos com uma maldição. Esse corpo sempre nos levou a pensamentos que são proibidos. Sempre nos deu desejos que os outros homens, talvez, não tenham.

Nós sabemos que somos maus, mas não há vontade em nós e nenhum poder para resistir. Esta é a nossa maravilha íntima e o nosso medo secreto, que nós conhecemos e não resistimos.

Nós nos esforçamos para ser como todos os nossos irmãos, pois todos os homens devem ser iguais.

Gravadas nos portais do Palácio do Conselho Mundial, há algumas palavras entalhadas no mármore, que repetimos sempre que somos tentados: - “Somos um em todos e todos em um.” - Não há homens, senão apenas o grande WE, único, indivisível e eterno. Repetimos essas palavras para nós mesmos, o tempo todo, mas isso não nos ajuda. Essas palavras foram entalhadas há muito tempo. Existem manchas verdes nos sulcos das letras e listras amareladas no mármore, que vêm de mais anos do que os homens poderiam contar. E essas palavras são a verdade, pois estão escritas no Palácio do Conselho Mundial, e o Conselho Mundial é o corpo de toda a verdade.

Assim tem sido desde o Grande Renascimento, e mais aquém do que isso, nenhuma memória pode alcançar. Mas nunca devemos falar dos tempos antes do Grande Renascimento, sob pena de sermos sentenciados a três anos, no Palácio da Detenção Corretiva.

Apenas os velhos sussurram sobre isso, à noite, na Casa dos Inúteis. Eles sussurram muitas coisas estranhas, sobre as torres que se elevavam ao céu, naqueles tempos imemoráveis, ou os vagões que se moviam sem cavalos e as luzes que queimavam sem chamas.

Mas aqueles tempos eram maus. E esses tempos passaram, quando os homens viram a Grande Verdade, que é esta: “Todos os homens são um e só existe a vontade de salvar a humanidade, sendo todos os homens juntos”.

Todos os homens são bons e sábios. E só nós, Igualdade 7-2521, somos os únicos que nascemos com uma maldição. Por que não somos como nossos irmãos. E quando olhamos para trás em nossa vida, vemos que ela já foi como as dos outros, mas que, pouco à pouco, fomos levados à suprema transgressão: o nosso crime, que é praticado escondido, aqui, sob o solo.

Lembramo-nos do Lar das Crianças, onde vivemos até os cinco anos, juntamente com todos os filhos da cidade, que nasceram no mesmo ano. Os dormitórios eram brancos, limpos, simples e comportavam um número racional de camas. Nós, então, éramos como todos os nossos irmãos, salvo por uma única transgressão: nós éramos agressivos com os nossos irmãos.

Existem poucas ofensas piores do que lutar com nossos irmãos, em qualquer idade e por qualquer causa. O Conselho da Casa nos ensinava isso e de todas as crianças daquele tempo, nós fomos punido com mais frequência. Quando completamos cinco anos, fomos enviado para a Casa dos Estudantes, onde existem dez salas, destinadas aos nossos dez anos de aprendizado. Os homens devem estudar até chegar ao décimo quinto ano. Então eles irão trabalhar.

Na Casa dos Estudantes, nós levantávamos da cama, quando o grande sino tocava na torre, e voltávamos a dormir, quando o sino tocava novamente. Antes de tirar as roupas para dormir, executávamos um ritual no grande dormitório, que era o seguinte: levantávamos o braço direito e dizíamos todos juntos, orientados por três professores: - “Não somos nada. A humanidade é tudo. Pela graça de nossos irmãos, nos é permitida a vida. Nós existimos através, por e para os nossos irmãos, que são o Estado. Amém.” - Então nós dormíamos. Os dormitórios eram brancos, limpos e muito simples.

Nós, o Igualdade 7-2521, não fomos felizes nesses anos, vividos no Lar dos Estudantes. Não que a aprendizagem fosse muito difícil para nós. Na verdade a aprendizagem era muito fácil. Este é um grande pecado, nascer com uma cabeça que é muito rápida. Não é bom ser diferente de nossos irmãos, mas é mau ser superior a eles. Os professores nos diziam isso e franziam a testa, quando nos olhavam.

Nós lutamos contra tal maldição. Tentamos esquecer nossas vivências, mas não conseguimos. Nós tentávamos retardar o entendimento das lições, que os professores nos passavam, para acompanhar o entendimento dos outros, mas também não conseguíamos. Nós entendíamos as lições, antes de os professores as terminarem. Nós fizemos amizade com o União 5-3992, que era um menino pálido, com apenas metade do nosso cérebro, e nós tentamos ser como o União 5-3992, mas, de alguma forma, os professores sabiam que nós mentíamos. E, por isso, nós fomos punidos com mais frequência do que todos os outros meninos.

Os professores eram justos. Eles eram nomeados pelos Conselhos, e os Conselhos eram a voz de toda a justiça, pois eles eram a voz de todos os homens. E se, às vezes, na escuridão secreta do nosso coração, lamentamos o que nos aconteceu no nosso décimo quinto aniversário, sabemos que foi devido à nossa própria culpa.

Nós quebramos uma lei, pois não tínhamos prestado a devida atenção às palavras dos nossos professores. Os professores haviam dito: - “Não ousem escolher em suas mentes, o trabalho que vocês gostariam de fazer, quando vocês saírem do Lar dos Estudantes. Vocês devem fazer o que o Conselho das Vocações prescrever para vocês, pois o Conselho das Vocações sabe, em sua grande sabedoria, onde vocês são necessários para seus irmãos, melhor do que vocês seriam capazes de entender, com suas mentes indignas. E se vocês não forem necessários para seus irmãos, então não haverá nenhuma razão para suas existências.”

Nós conhecemos bem isso nos anos de nossa infância, mas nossa maldição quebrou nossa vontade. Nós fomos culpados e nós confessamos aqui: fomos culpados da grande Transgressão de Preferência. Preferimos algum trabalho e algumas lições, a outros. Não ouvimos bem a história de todos os Conselhos eleitos desde o Grande Renascimento. Mas nós adoramos

a Ciência das Coisas. Nós desejamos saber. Nós desejamos saber sobre todas as coisas que existem na Terra, à nossa volta.

Nós fazemos muitas perguntas que os professores proibiram. Pensamos que há mistérios no céu e sob a água, bem como nas plantas que crescem. Mas o Conselho dos Estudiosos disse que não há mistérios, e o Conselho dos Estudiosos sabe tudo. E aprendemos muito com nossos professores. Aprendemos que a terra é plana e que o sol gira em torno dela, o que causa o dia e a noite. Aprendemos os nomes de todos os ventos que sopram sobre os mares e empurram as velas dos nossos grandes navios.

Aprendemos a sangrar homens para curá-los de todas as doenças. Nós amamos a Ciência das Coisas. E na escuridão noturna, na hora secreta, quando acordamos durante a noite e não há irmãos ao nosso redor, mas apenas as formas humanas nas camas e o ruído dos seus roncos; nesses momentos fechamos os olhos e controlamos a respiração, para não acordar ninguém, e pensamos que desejamos ser enviados para o Lar dos Estudiosos, quando chegar o nosso tempo.

Todas as grandes invenções modernas provêm do Conselho dos Estudiosos, como a mais recente, que foi desenvolvida há apenas cem anos, de como fazer velas de cera e corda. Também, como fazer o vidro, que é colocado em nossas janelas para nos proteger da chuva. Para desenvolver essas coisas, os estudiosos devem auscultar a terra e aprender sobre os rios, as areias, os ventos e sobre as rochas. E se formos enviados para a Casa dos Estudiosos poderemos, também, aprender essas coisas. Poderíamos fazer perguntas sobre isso, pois eles não proibem perguntas. E as perguntas não nos dão descanso. Não sabemos por que nossa maldição nos faz buscar, não sabemos o que, sempre e sempre. Mas não podemos resistir a isso. Nos vem à mente que existem grandes coisas nesta nossa Terra, e que podemos conhecê-las se tentarmos. E devemos tentar!

Perguntamos por que devemos estudar as coisas que estudamos, mas não existem respostas para nós. Nós precisamos saber, apenas, o que nos é ensinado. Por isso, desejamos ser enviado para a Casa dos Estudiosos. Nós desejamos tanto, que nossas mãos tremem sob os cobertores durante a noite, à ponto de sermos obrigado a fazer um esforço físico, até doloroso, para controlar os tremores. Essas manifestações noturnas são malignas e, por isso, não ousamos contar nada aos nossos irmãos, pela manhã. Os homens não podem desejar nada por si mesmos e, assim, nós nos sentimos punidos, quando o Conselho das Vocações decidiu qual seria o trabalho, que deveríamos realizar pelo resto de nossa vida, quando completamos quinze anos.

O Conselho das Vocações chegou no primeiro dia da primavera e eles se reuniram no grande salão. Nós, que tínhamos quinze anos, e todos os professores, entramos no grande salão. O Conselho das Vocações se sentou em um plano mais alto, e eles tinham apenas quatro palavras para falar com cada um dos estudantes. Eles chamavam o nome do estudante, e quando este passava diante deles, um após o outro, o Conselho dizia: "Carpinteiro", ou "Médico", ou "Cozinheiro" ou "Líder" e cada aluno levantava o braço direito e dizia: - "A vontade de nossos irmãos seja feita."

Se o Conselho disser Carpinteiro ou Cozinheiro, os estudantes assim designados irão trabalhar e não mais estudar. Mas se o Conselho disser Líder, então esses estudantes irão para a Casa dos Líderes, que é a maior casa da Cidade. E lá eles estudam por muitos anos, para que se tornem candidatos e, talvez, serem eleitos para o Conselho Municipal e o Conselho de Estado, ou o Conselho Mundial, por uma votação livre e geral de todos os homens. Mas nós não desejamos ser um líder, mesmo que isto seja uma grande honra. Nós desejamos ser, apenas, um Estudioso.

Então, esperamos a nossa vez no grande salão, até escutarmos o nosso nome – Igualdade 7-2521 – ser chamado e caminhamos até o estrado. Nossas pernas não tremiam e olhamos firmemente para o Conselho. Havia cinco membros, sendo três do sexo masculino e dois do feminino. Seus cabelos eram brancos e seus rostos eram macilentos, como a argila do leito de um rio seco. Eles eram velhos. Pareciam mais velhos do que o mármore do Templo do Conselho Mundial. Eles permaneceram imóveis, diante de nós e não percebemos nenhuma respiração, para, ao menos, balançar as dobras das suas togas brancas.

Mas nós sabíamos que eles estavam vivos, por que um dedo da mão do mais velho se levantou, apontou para nós e caiu novamente. Esta foi uma única coisa que se moveu e, em seguida, os seus lábios imóveis, pronunciaram: - Varredor de Ruas!

Sentimos como se uma corda apertasse o nosso pescoço e nossa cabeça se projetasse para o alto, até sermos capazes de olhar nos olhos do Conselheiro. Mas nada havia a se fazer, senão aceitar a sentença e, por fim, sentimo-nos felizes, pois sabíamos que tínhamos sido culpado e, agora, nós tínhamos uma maneira de expiar nossa culpa.

Aceitamos o nosso Mandato de Vida e trabalhamos para nossos irmãos, com prazer e vontade. Nós apagamos nosso pecado contra eles, o que eles não sabiam, mas nós sabíamos. Então, ficamos felizes e orgulhosos de nós mesmos e de nossa vitória sobre nós mesmos. Levantamos o braço direito e falamos, e nossa voz era a voz mais clara e mais firme no corredor naquele dia, e dissemos: - “A vontade dos nossos irmãos seja feita.” - Nós olhamos diretamente para os olhos do Conselheiro, mas seus olhos eram tão frios quanto o vidro dos seus óculos.

Então nós fomos mandados para a Casa dos Varredores de Ruas. Trata-se de uma casa cinzenta, situada numa rua estreita. Há um relógio de sol no pátio, pelo qual o Conselho da Casa pode contar as horas do dia, para tocar o sino. Quando o sino toca, todos nós levantamos das nossas camas. O céu ainda parece escuro e frio, visto pelo lado das nossas janelas orientais. O relógio marca uma meia hora, enquanto nos vestimos e tomamos o café da manhã no refeitório, onde há cinco longas mesas, com vinte pratos e vinte copos de barro, distribuídos em cada mesa. Em seguida, saímos todos para os trabalhos do dia.

Quando o sol já está alto, por volta do meio dia, retornamos para o almoço, que é uma atividade, para a qual, destina-se uma meia hora. Então, vamos trabalhar novamente. Em cinco horas, as sombras começam a tomar conta dos pavimentos e o céu se torna de um azul de brilho profundo, que não é brilhante. Voltamos para o jantar, que dura uma hora. Então o sino toca novamente, e nós caminhamos, disciplinados em coluna, diretamente para uma das Prefeituras, para o Encontro Social. Outras colunas de homens chegam de outras casas, de diferentes atividades.

As velas estão acesas, e os Conselheiros das diversas casas ocupam o púlpito, para falar sobre os nossos deveres e dos nossos irmãos. Em seguida, os líderes ocupam o púlpito e nos transmitem os discursos, que foram feitos na Câmara Municipal naquele dia, pois o Conselho Municipal representa todos os homens e tudo o que os homens devem saber. Então cantamos os hinos: o Hino da Irmandade, o Hino da Igualdade e o Hino do Espírito Coletivo.

Então, o sino tocava novamente, que era o sinal para nos deslocarmos para o Teatro da Cidade, onde desfrutávamos de três horas de Recreação Social, assistindo a uma peça de teatro montada, com dois grandes côros da Casa dos Atores, que falam e respondem todos juntos, em duas grandes vozes. As peças são úteis e educativas. Então, voltávamos para o Lar, encolunados e disciplinados, como sempre. O céu parecia uma peneira escura, perfurada por gotas de prata vibrantes e prontas para explodir.

As mariposas se chocavam contra as lanternas da rua. Nós nos recolhíamos às nossas camas e dormíamos, até o sino tocar novamente. Os dormitórios sempre brancos, limpos e muito simples.

Assim, vivemos o dia a dia do Lar dos Varredores de Ruas, durante quatro anos, até duas primaveras atrás, quando o nosso crime aconteceu. Assim, todos os homens devem viver até os quarenta. Aos quarenta, eles estão desgastados. Aos quarenta, eles são enviados para o Lar dos Inúteis, onde vivem os velhos, que não trabalham mais, pois o Estado cuida deles. Sentam-se ao sol no verão, para se bronzear, e sentam-se junto ao fogo no inverno, para se aquecer.

Eles não falam muito, pois estão cansados. Os Velhos sabem que logo morrerão. Quando um milagre acontece e alguns vivem até os quarenta e cinco, eles se transformam nos antigos, e as crianças olham para eles com veneração, quando passam pela Casa dos Inúteis. Tal é a nossa vida, como a de todos os nossos irmãos, que convivem conosco, e dos irmãos que vieram antes de nós.

Tal teria sido a nossa vida, se não tivéssemos cometido o nosso crime que mudou tudo para nós. E foi nossa maldição que nos levou ao nosso crime. Nós éramos um bom varredor de ruas e gostávamos de todos os nossos irmãos varredores. Tudo estaria bem, exceto pelo nosso amaldiçoado desejo de saber. Nós olhamos muito para as estrelas à noite, e para as árvores e para a terra. E quando limpamos o quintal do Lar dos Estudiosos, reunimos os frascos de vidro e os pedaços de metal, os ossos secos que eles descartavam. Nós desejamos manter essas coisas e estudá-las, mas não tínhamos lugar para escondê-las.

Então nós levamos o precioso material, para tentar escondê-lo na Cidade dos Detritos. E então fizemos a descoberta. Foi em um dia da última primavera. Nós, os Varredores de Ruas, trabalhávamos em grupos de três homens e o nosso grupo era formado por nós e mais o União 5-3992, o meio-cérebro, e o Internacional 4-8818.

Atualmente, o União 5-3992 é um rapaz doentio que, às vezes, é acometido de convulsões, ocasiões em que espuma pela boca e seus olhos se tornam brancos. Mas o Internacional 4-8818 é diferente. Ele é jovem, alto e forte e seus olhos são como vaga-lumes, pois há risos e luz naqueles olhos.

Nós não conseguíamos olhar para o Internacional 4-8818 sem sorrir. Por isso, os Conselheiros não gostaram da Casa dos Estudantes, pois não é adequado sorrir sem motivo. Eles também não gostaram de ver as paredes com desenhos cômicos, feitos a carvão, e que faziam rir aos homens, pois apenas nossos irmãos na Casa dos Artistas, têm permissão para desenhar. Então, o Internacional 4-8818 foi enviado ao Lar dos Varredores de Ruas, corretivamente, assim como nós. O Internacional 4-8818 e nós, somos especialmente amigos. Isso é uma coisa má, porque trata-se de uma transgressão: a grande Transgressão da Preferência, isto é, amar um dos irmãos mais do que os outros, pois devemos amar igualmente a todos os irmãos e todos os irmãos são, igualmente, nossos amigos.

Internacional 4-8818 e nós, nunca falamos disso. Mas ambos sabemos. Ambos sabemos, quando olhamos um para o outro. E quando olhamos assim, sem palavras, nós também conhecemos outras coisas, coisas estranhas para as quais não há palavras, e essas coisas nos assustam.

Então, naquele dia da última primavera, o União 5-3992 começou a ter uma crise de convulsões, quando trabalhávamos em um lugar afastado do centro e próximo do Teatro da Cidade. Nós o socorremos e procuramos ajeitá-lo na sombra do Teatro, para que ele pudesse descansar e recuperar-se, enquanto nós e o Internacional 4-8818 terminávamos o trabalho de limpeza em uma ravina, atrás do Teatro que, aquela hora, estava vazia, salvo por algumas árvores e ervas daninhas.

Além da ravina, há uma planície, e além da planície, encontra-se a Floresta Desconhecida, sobre a qual os homens não devem pensar. Estávamos recolhendo os papéis e os trapos que o vento soprava do Teatro, quando vimos uma barra de ferro entre as ervas daninhas. Era velha e enferrujada por muitas chuvas. Nós a puxamos com todas as nossas forças, mas não conseguimos movê-la.

Então, chamamos o Internacional 4-8818 e juntos nós escavamos ao redor da barra. De repente, após a retirada e limpeza da terra, algo apareceu diante de nós, e vimos que se tratava de uma velha grade de ferro, enfiada em um buraco escuro. O Internacional 4-8818 recuou. Mas puxamos a grade e ela saiu da terra. Então nós vimos que o local onde se encontrava a grade era, na verdade, a entrada de uma caverna, com anéis de ferro presos às paredes, escura e sem fundo.

- Vamos descer. - Dissemos para o Internacional 4-8818.

- É proibido... - respondeu ele.

Nós respondemos:

- O Conselho não conhece esse buraco, portanto não pode ser proibido.

Ele respondeu:

- Uma vez que o Conselho não conhece esse buraco, não pode haver lei que permita entrar. E tudo o que não é permitido pela lei, é proibido.

Mas nós dissemos: - Nós iremos, não obstante.

Ele estava assustado, mas ficou de pé e nos observou ir. Nós descemos, usando os anéis de ferro, para apoiar nossas mãos e pés. Não podíamos ver nada abaixo de nós. E acima de nós, o buraco aberto sob o céu tornou-se cada vez menor até chegar ao tamanho de um botão. Mas ainda descíamos. Então nosso pé tocou o chão. Nós esfregamos os olhos, pois nada podíamos ver. Então nossos olhos se acostumaram com a escuridão, mas não podíamos acreditar no que víamos.

Nenhum homem conhecido por nós poderia ter construído este lugar, nem os homens conhecidos pelos nossos irmãos, que viveram antes de nós. Mas, ainda assim, o que estava diante de nós, fora construído por homens. Era um ótimo túnel. Suas paredes eram duras, porém suaves ao toque. Parecia pedra, mas não era pedra. No chão haviam longas trilhas finas de ferro, mas não era ferro. As trilhas eram lisas e frias como o vidro.

Nós nos ajoelhamos e nos arrastamos para a frente. Nossa mão tateando ao longo da linha de ferro para ver onde aquilo iria nos levar. Mas, à frente parecia haver uma noite sem fim. Somente as trilhas de ferro brilhavam, retas e brancas, nos convidando a seguir em frente. Mas não podíamos seguir, pois estávamos ficando, cada vez mais, sem a fraca luz que vinha da entrada do túnel.

Então nós voltamos, arrastando-nos para trás e com a nossa mão tateando a linha de ferro. E o nosso coração batia na ponta dos dedos, excitado. E então, de repente, nós soubemos que aquele lugar vinha de tempos imemoriais. Então era verdade que esses tempos existiram e foram maravilhosos.

Há centenas e centenas de anos atrás, os homens conheciam segredos que perdemos. E pensamos: "Este é um lugar ruim, pois aqui estão gravadas as memórias condenadas de coisas, que fazem parte de tempos inimagináveis". Mas nossa mão, que seguia a pista de volta, enquanto rastejávamos, agarrava-se ao ferro como se tivesse medo de ser deixada para trás, abandonada, e como se a pele estivesse com sede e implorasse ao metal frio, algum fluido secreto que pudesse aquecê-la, em sua frieza.

Voltamos para a superfície. O Internacional 4-8818 olhou para nós e recuou assustado. "Igualdade 7-2521" – disse ele – "O seu rosto está branco." - Mas não podíamos falar e, emocionados, ficamos olhando para ele. Ele recuou mais uma vez, como se temesse nos tocar. Então ele sorriu, mas não era um sorriso alegre. Ele estava perdido e e sem entender o que estava acontecendo. Permanecemos ambos calados, pois não conseguíamos falar.

Finalmente, ele disse:

- Devemos comunicar a nossa descoberta à Câmara Municipal e ambos seremos recompensados.

E então discutimos o assunto. O nosso diálogo foi difícil, pois não estávamos de acordo, sobre o que fazer com aquela descoberta.

Nós, então, argumentamos:

- Não devemos comunicar a nossa descoberta à Câmara Municipal. Não devemos comunicá-la a ninguém.

Ele tapou os ouvidos com as mãos, pois nunca, antes, ouvira palavras como essas.

Então, nós perguntamos:

- Internacional 4-8818 - dissemos nós - você informará ao Conselho o ocorrido, para que sejamos condenados, por haveremos entrado no buraco?

Ele ficou lívido e respondeu gravemente:

- Não, pois ambos seríamos executados.

"Então" – dissemos - "Fiquemos em silêncio. Este lugar é nosso. Este lugar pertence a nós, Igualdade 7-2521, e a mais nenhum outro homem sobre a Terra".

Então nós vimos que os olhos do Internacional 4-8818 estavam cheios de lágrimas, que ele não queria deixar cair. Ele sussurrou, e sua voz tremeu, de modo que suas palavras quase perderam o sentido, quando disse: - "A vontade do Conselho está acima de todas as coisas, pois é a vontade de nossos irmãos, e isso é uma coisa santa. Meu desejo é colaborar com você, mas isso significa trair os nossos irmãos. Que o Conselho tenha piedade de nós! Então nos afastamos, juntos, e voltamos ao Lar dos Varredores de Ruas, caminhando em silêncio".

A partir de então, todas as noites, quando as estrelas vão altas e a cidade silencia, nós, Igualdade 7-2521, saímos às escondidas do nosso Lar e, atravessando a escuridão, vamos para o nosso lugar secreto: a caverna atrás do teatro. Nós usamos para iluminação, as velas que roubamos com a ajuda do Internacional 4-8818.

À noite as ruas ficam às escuras e desertas, porque é proibido transitar à noite, salvo se for a trabalho. Todas as noites, nós corremos para a ravina, para a nossa caverna secreta. Nós removemos as pedras que empilhamos sobre a grade de ferro, na entrada, para escondê-la dos outros homens. Cada noite, durante três horas, nós ficamos sozinhos debaixo da terra.

Nós roubamos velas do Lar dos Varredores de Ruas, roubamos pedras, facas e papel, e trouxemos tudo para esse lugar. Temos frascos e pós e ácidos roubados do Lar dos Estudiosos. Agora, nos sentamos no túnel durante três horas por noite, e estudamos.

Nós derretemos metais estranhos, misturamos ácidos e dissecamos os corpos dos animais que recolhemos na Cidade dos Detritos. Construimos um forno com tijolos, que tiramos das ruas e queimamos a madeira que encontramos nas proximidades.

O fogo cintila no forno e as sombras dançam nas paredes, e não há som de homens para nos incomodar. Nós roubamos manuscritos. Esta é uma grande ofensa. Os manuscritos são preciosos, pois nossos irmãos na Casa dos Clérigos passam um ano para copiar um único texto, em sua letra clara. Os manuscritos são raros e são mantidos no Lar dos Estudiosos. Então nos sentamos sob a terra e lemos os textos roubados.

Dois anos se passaram desde que encontramos esse lugar.

E nestes dois anos, aprendemos mais do que aprendemos nos dez anos do Lar dos Estudantes. Aprendemos coisas que não estão nos textos. Desvendamos segredos, dos quais os estudiosos não têm conhecimento. Nós percebemos o quão grande é o inexplorado, e muitas vidas não seriam suficientes para concluirmos a nossa missão, embora não seja nosso desejo chegar ao fim dessa missão. Não desejamos nada, senão estar sozinhos e aprender, e sentir como se, a cada dia, nossa visão se tornasse mais nítida do que a dos falcões e mais clara do que o cristal de rocha.

Estranhos são os caminhos do mal. Somos falsos diante de nossos irmãos. Estamos desafiando a vontade de nossos Conselhos. Nós sozinhos, entre os milhares que andam nesta Terra, estamos fazendo uma obra que não tem nenhum objetivo, senão que desejamos fazê-lo. O mal causado por nosso crime, não é coisa para a mente humana investigar e a natureza do nosso castigo, se for descoberto, não é coisa para o coração humano ponderar. Não existem memórias de coisas semelhantes, nos arquivos conhecidos.

E, no entanto, não há vergonha em nós e nem arrependimento. Dizemos a nós mesmos que somos um miserável e um traidor. Mas não sentimos nenhum fardo sobre o nosso espírito e nem medo em nosso coração. E parece-nos que o nosso espírito é límpido como um lago plácido, que não é incomodado por nada, exceto pelos raios do sol. E em nosso coração - estranhos são os caminhos do mal! - em nosso coração, pela primeira vez em vinte anos, reside a paz.

CAPÍTULO DOIS

Liberdade 5-3000. . . Liberdade 5-3000. . . Liberdade 5-3000. . . . Desejamos escrever esse nome. Desejamos dizê-lo bem alto, mas não nos atrevemos a emitir mais do que um sussurro. Para os homens é proibido saber das mulheres, e para as mulheres é proibido saber dos homens. Mas nós pensamos, muito e especialmente, em uma, entre todas as mulheres, trata-se de uma cujo nome é Liberdade 5-3000. Nós só pensamos nessa mulher.

As mulheres que foram designadas para trabalhar na lavoura, vivem no Lar das Camponesas, um local no campo que é ligado à cidade por uma estrada, que é conhecida por Estrada do Norte e é uma ótima estrada, que precisa ser mantida limpa e cabe a nós, os Varredores de Ruas, executar essa tarefa. Ao longo da estrada, existe uma cerca, que é destinada a proteger as lavouras. Nós admiramos os campos férteis e arados, preparados para o plantio, com seus sulcos a espera das sementes.

Assim, todas as vezes que trabalhávamos naquela estrada, nós víamos as mulheres camponesas trabalhando a terra, com suas túnicas brancas balançando ao vento, que pareciam asas de gaivotas a voarem próximas ao solo negro, da mãe terra. Foi assim que nós vimos, pela primeira vez, a Liberdade 5-3000, a caminhar entre os sulcos do arado. Seu corpo era esguio e magro, como uma lâmina de ferro. Seus olhos eram escuros, brilhantes e sem medo e, ao mesmo tempo, sem culpas ou com aspecto excessivamente gentis.

Seus cabelos eram dourados como o sol e esvoaçavam ao vento, brilhantes e selvagens, como se desafiassem os homens a detê-los. Ela lançava, com as mãos, as sementes, que pareciam um presente para a terra insignificante e mendiga, sob seus pés. Ficamos parados a observá-la e, pela primeira vez, nós conhecemos o medo e depois a dor, que era uma dor diferente, pois era mais agradável do que o prazer. Foi então que ouvimos alguém chamá-la pelo nome: "Liberdade 5-3000" e, como ela se voltou para atender ao chamado, concluímos que era esse o seu nome. Assim, aprendemos o seu nome e ficamos observando-a, até que sua túnica branca se perdeu na névoa azul.

No dia seguinte, assim que chegamos à estrada, para os trabalhos de limpeza, nós procuramos a Liberdade 5-3000, com os olhos, e ficamos mirando-a ternamente, enquanto ela trabalhava no campo. A partir de então, passamos a aguardar, ansiosamente, pela hora de ir trabalhar na Estrada do Norte. E de lá, nós ficávamos, embevecidos, a olhar a Liberdade 5-3000, a cada dia. Não sabíamos se ela nos olhava também, mas pensamos que ela fazia isso. Então, um dia, nós nos aproximamos da cerca e, de repente, ela se virou para nós. Ela girou o corpo, em um movimento ágil, mas ao se deparar conosco, parou tão repentinamente quanto iniciara o movimento. Ela estancou e permaneceu imóvel como uma pedra, olhando diretamente para nós e bem nos nossos olhos. Não houve sorriso em seu rosto, e nenhuma saudação. Mas seu rosto estava tenso, e seus olhos pareciam escuros, de emoção. Então ela se virou com rapidez e afastou-se de nós.

Mas no dia seguinte, quando chegamos à Estrada do Norte, para trabalhar, ela nos viu e sorriu alegre, demonstrando claramente que simpatizara conosco, e nós retribuimos sua simpatia sorrindo para ela, também. Repentinamente sua cabeça caiu para trás, os braços também caíram ao lado do corpo, como se ela tivesse sido atingida por um grande cansaço. Ela parou de olhar para nós e começou a olhar para o céu e, a seguir, voltou o olhar para nós e foi como se uma mão de veludo nos acariciasse o corpo, deslizando suavemente desde os nossos lábios até os nossos pés. A partir de então, todas as manhãs nós nos amávamos através dos olhos.

Não ousávamos nos falar, pois era uma transgressão falar com pessoas de outros ofícios, salvo em grupos, nas Reuniões Sociais. Mas uma vez, de pé ao lado da cerca, estando um de cada lado, nós tocamos nossas mãos, palma contra palma, docemente, na altura da cabeça. Se alguém nos tivesse visto, nada poderia ter adivinhado, pois parecia, apenas, como se estivéssemos protegendo os olhos do sol. Assim, a cada dia, nós tocamos em Liberdade 5-3000 e ela nos correspondeu, mas ninguém pode suspeitar de nada, pois essa já é a nossa segunda transgressão de preferência, pois não pensamos em todos os nossos irmãos como deveríamos, mas apenas em uma pessoa e o nome dela é Liberdade 5-3000.

Nós não entendemos por que pensamos tanto nela. Não entendemos por que, quando

pensamos nela sentimos, de repente, que a terra é boa e que viver não é um fardo. Nós não mais pensamos nela como Liberdade 5-3000, mas sim por um nome que nós lhe demos e que está em nossos pensamentos: Cabelos Dourados. Mas é um pecado dar nomes às pessoas que as distingam dos outros. No entanto, nós a chamamos Cabelos Dourados, pois ela não é como os outros. A Cabelos Dourados é diferente e nós, mais uma vez, desrespeitamos a lei, porque a lei diz que um homem não pode pensar em mulheres e deve preservar-se, até o tempo certo do acasalamento, que acontece na primavera. Nesse tempo, todos os homens com mais de vinte e todas as mulheres com mais de dezoito anos, são enviados por uma noite ao Palácio da Cidade do Acasalamento. Lá, cada um dos homens recebe uma das mulheres, aquela que lhe for atribuída pelo Conselho de Eugenia.

As crianças nascem a cada inverno, mas as mulheres nunca vêem seus filhos e os filhos nunca conhecem os seus pais. Por duas vezes nós fomos enviados para o Palácio do Acasalamento, mas esse é um assunto feio e vergonhoso para nós e sobre o qual não gostamos de pensar.

Nós já quebramos muitas leis, e hoje nós fizemos isso mais uma vez, porque hoje nós falamos com a Cabelos Dourados. As outras mulheres estavam distante, envolvidas com seu trabalho no campo quando, aproveitando a oportunidade, nós paramos na cerca ao lado da estrada. A Cabelos Dourados estava ajoelhada, sozinha, junto ao córrego de irrigação, que atravessa o campo. Ela bebia água, cujas gotas lhe caíam por entre os dedos, quando ela levava a água aos lábios, e as gotas cristalinas eram como faíscas de fogo ao sol.

Então a Cabelos Dourados nos viu, mas ela não se moveu e permaneceu lá, ajoelhada, olhando para nós. Círculos de luz do sol tocavam sua túnica branca, vindos da superfície da água, enquanto uma gota cintilante caiu de um dedo de sua mão, e pareceu ficar congelada no ar.

Então a Cabelos Dourados se levantou e caminhou em direção a cerca, como se o seu coração ouvisse um comando de nossos olhos. Os outros dois varredores de rua da nossa brigada estavam a uma centena de passos pela estrada e, pensamos, o Internacional 4-8818 não nos trairia e o União 5-3992 não entenderia. Seguros de que nosso crime não seria denunciado, nós olhamos diretamente para a Cabelos Dourados, e vimos as sombras de seus cílios se projetando sobre as suas bochechas brancas e as faíscas de sol reluzindo em seus lábios. E nós dissemos:

- Você é linda, Liberdade 5-3000!

Ela permaneceu estática, olhando para nós. Então pareceu-nos que seus olhos se tornaram mais amplos, e ela tinha um triunfo nos olhos, mas não se tratava de um triunfo sobre nós, mas sobre coisas que não podíamos julgar e dominar.

Então ela nos perguntou:

- Qual é o seu nome?

- Igualdade 7-2521, respondemos.

- Você não é um dos nossos irmãos, Igualdade 7-2521, e de nossa parte, preferimos que seja assim. Não podemos fazer o que eles querem que façamos, pois não há palavras para significar o que eles querem para nossas vidas, mas nós conhecemos as leis e não as estamos cumprindo.

- É verdade - nós respondemos – sabemos que você não é uma de nossas irmãs. Nós não deveríamos falar com você.

Se nós estivermos entre dezenas de mulheres – perguntou-nos ela – ainda assim, você olhará para nós?

– Sim, respondemos. Sempre olharemos para você, Liberdade 5-3000, mesmo que você esteja entre todas as mulheres da terra.

Então ela nos perguntou:

- Os Varredores de Ruas são enviados para diferentes partes da cidade ou eles sempre trabalham nos mesmos lugares?

- Eles sempre trabalham nos mesmos lugares - nós respondemos - e ninguém vai tirar essa estrada de nós.

- Seus olhos – disse-nos ela - não são como os olhos de nenhum dentre os homens. E de repente, um pensamento veio à nossa mente e sentimos um grande frio no estômago

- Quantos anos você tem? nós perguntamos.

Ela entendeu o nosso pensamento, porque baixou os olhos pela primeira vez.

- Dezesete, sussurrou...

Nós suspiramos, como se um fardo tivesse sido tirado de nós, pois o pensamento que nos trouxera um frio ao estômago, foi pensar em nossa amada sendo levada para o Palácio do Acasalamento. E pensamos que nós não permitiríamos que a Cabelos Dourados fosse enviada àquele maldito Palácio. Como impedir isso? Como não obedecer a vontade dos Conselhos? Nós não sabemos. Mas soubemos, de repente, o que queríamos. Nós queríamos desobedecer, mas não entendíamos porque tais sentimentos nos assaltavam a mente, pois sabíamos que estávamos pecando e que essas desobediências não têm relação conosco e com a Cabelos Dourados, pois é muito errado desobedecer os Conselhos.

Mesmo que as leis digam o contrário, até que ponto um homem pode suportar ser obrigado a fazer o que não deseja fazer? Esses pensamentos pareciam estourar nosso cérebro e quando estávamos no silêncio da nossa caverna secreta, sentíamos os nossos lábios apertados pelo ódio, um ódio repentino por todos os nossos irmãos e por aquele mundo. A Cabelos Dourados nos olhou, com aquele seu olhar lindo e, devagar, sorriu tristemente. Nós entendemos que ela parecia estar lendo os nossos pensamentos e, possuidora da sabedoria feminina, ela era mais resignada e ponderada do que nós.

Então, três das irmãs trabalhadoras do campo se aproximaram para semear aquele pedaço de terra e nós, rapidamente, começamos a varrer a estrada, enquanto a Cabelos Dourados se afastava de nós, para ajudar as suas irmãs. Foi difícil para ela, semear a terra com precisão, porque suas mãos tremiam violentamente.

Quanto a nós, por alguma estranha razão, sentíamos vontade de cantar. Então fomos repreendidos esta noite, no refeitório, pois sem saber porque começamos a cantar em voz alta, alguma música que nunca ouvimos. Mas não é apropriado cantar sem razão, salvo nas reuniões sociais. - Estamos cantando porque estamos felizes, respondemos ao Conselheiro da Casa, que nos repreendeu.

- Na verdade você está feliz – disse-nos o Conselheiro – tão feliz quanto podem ser os homens, quando vivem para seus irmãos. E agora, sentados aqui em nosso túnel secreto, nos perguntamos sobre essas palavras, será mesmo que nós vivemos para nossos irmãos, se nós somos capazes de transgredir tantas leis, quanto transgredimos?

É proibido não ser feliz. Pois, como nos foi explicado, os homens são livres e a Terra pertence a eles. E todas as coisas na terra pertencem a todos os homens. E a vontade de cada homem é boa para todos. E, assim, todos os homens devem ser felizes. No entanto, quando estamos à noite no grande dormitório, removendo nossas roupas para o sono, olhamos para os nossos irmãos e sentimos muitas dúvidas.

As cabeças de nossos irmãos são curvadas. Os olhos de nossos irmãos são aborrecidos e eles nunca se olham nos olhos. Os ombros de nossos irmãos são curvados, e seus músculos parecem definhando gradativamente. E uma palavra roubou nossa mente, à medida que olhamos nossos irmãos, e essa palavra é medo. Nós sentimos que o medo está por toda parte. Há medo flutuando no ar, dentro e fora dos Lares. O medo está por toda parte e atravessa a cidade, sem nome e sem forma.

Todos os homens sentem medo, mas ninguém se atreve a tocar no assunto. Nós também sentimos medo, principalmente quando estamos no Lar dos Varredores de Rua, mas aqui, no nosso túnel, não sentimos mais. O ar é puro sob o solo. Não há odor de homens. E estas três horas nos dão força para nossas horas acima do solo, mas a nossa alegria está nos traindo e o Conselho da Casa nos olha com desconfiança.

Não é bom sentir muita alegria e nem cultivar a alegria em nosso corpo, pois não somos importantes para o Sistema, pouca diferença fazendo se vivemos ou morremos e os nossos irmãos aceitam isso pacificamente, e nós gostaríamos de ser como eles, mas não somos. Nós, o Iguale 7-2521, somos diferentes dos demais e sentimos alegria por viver, como se isso fosse um vício. Mas se isso é um vício, então não queremos virtude. No entanto, nossos irmãos não

são como nós e a nós nos parece que eles não são felizes. Todos se despem à noite, na luz fraca das velas, em silêncio, pois não se atrevem a comentar seus pensamentos e suas idéias. Pois todos devem concordar com todos e não podem saber se seus pensamentos são concordantes com os de outros e, enfim, eles temem falar sobre qualquer assunto.

Há o Fraternidade 2-5503, um menino quieto com olhos sábios e gentis, que chora de repente, sem razão, no meio do dia ou da noite, e seu corpo vibra com soluços que não se podem explicar. Há o Solidariedade 9-6347, que é de uma juventude brilhante e sem medo durante o dia, mas ele grita durante o sono: "Ajude-nos! Ajude-nos! Ajude-nos!". No meio da noite, a sua voz causa calafrios nos nossos ossos. Mas os médicos não podem curar a Solidariedade 9-6347.

Meus irmãos ficam contentes quando as velas são apagadas e dormem para descansar. Mas nós, Igualdade 7-2521, olhamos pela janela para o céu, e há paz no céu, há limpeza e dignidade. E além da cidade, encontra-se a planície, e além da planície escura sob o céu noturno, está a floresta inexplorada. Não queremos pensar na floresta inexplorada. Não desejamos, mas não paramos de pensar nisso. Os homens nunca entram na Floresta Desconhecida, pois não há meios técnicos de exploração e nem caminhos, que possam conduzir alguém por entre suas árvores antigas, que ficam como guardas de segredos terríveis.

Conta-se que em uma ou duas vezes em cem anos, alguns homens da cidade entraram sozinhos na Floresta Desconhecida, talvez tivessem perdido a razão, o fato é que esses homens nunca voltaram. Certamente foram devorados pelos animais selvagens, que perambulam pela floresta. Mas nosso bom senso nos diz que isso é apenas uma lenda. Ouvimos que existem muitas florestas inexploradas sobre a terra, entre as cidades. Há quem acredite que tais florestas cresceram sobre as ruínas de muitas cidades de tempos imemoriais. A vegetação, com o passar do tempo, teria engolido as pedras e os ossos, e tudo desapareceu.

Enquanto olhamos para a misteriosa floresta, o tempo passa e pensamos nos segredos dos tempos imemoriais. Não podemos deixar de pensar em como, ou porque, esses segredos se perderam. Ouvimos falar de lendas de guerras e grandes lutas, em que muitos homens lutaram por um lado e poucos pelo outro.

Estes poucos foram os malignos e foram conquistados. Então grandes incêndios tomaram a terra. E nesses incêndios, os malignos e todas as coisas que eles fizeram foram queimadas. E o fogo que se chama Amanhecer do Grande Renascimento, trouxe a escrita de novos roteiros, que substituíram todos os escritos e as palavras dos malignos. Mas dos tempos imencionáveis perderam-se algumas palavras, que nós gostaríamos de saber e não as sabemos, porque se perderam. A grande pergunta é: quais são as palavras que perdemos?

Que o Conselho tenha piedade de nós!

Não desejávamos escrever tal pergunta, e não sabíamos o que estávamos fazendo até que a escrevemos. Não devemos fazer essa pergunta e não devemos pensar sobre tal assunto. Não devemos, porque ele traz a morte para nós. Porém nós sabemos que há uma palavra, uma única palavra que não está na língua dos homens, mas que foi dita um dia.

É a palavra impronunciável. Indizível!

Aquela que nenhum homem pode falar e nem ouvir. Mas às vezes, e é raro, às vezes, em algum lugar, um entre os homens encontra essa palavra. Ele a encontra escrita em fragmentos de manuscritos antigos ou entalhada em pedaços de pedras antigas. Mas se a pronunciar, ele será morto. Não há nenhum crime castigado pela morte neste mundo, salvo se este crime for dizer a Palavra Impronunciável. Vimos um desses homens ser queimado vivo na praça da cidade, por haver pronunciado a Palavra Perdida. Aquela cena foi a visão mais tenebrosa de nossa vida e permaneceu conosco ao longo dos anos, e nos assombra e nos segue, e não nos dá descanso. Nós éramos criança então, dez anos de idade. E ficamos na grande praça com todas as crianças e todos os homens da cidade, enviados para assistir a execução do culpado, através do fogo.

Eles levaram o transgressor para a praça e o amarraram, junto ao feixe de lenha onde seria aceso o fogo da execução. Foi-lhe cortada a língua, como uma poderosa mensagem à assistência e para que todos vissem o que acontece com quem pronuncia a Palavra Impronunciável. O transgressor era jovem e alto. Ele tinha os cabelos de ouro e os olhos azuis

como uma manhã de sol. Ele caminhou firmemente para a pira da morte, e seu passo não vacilou.

E de todos os rostos naquela praça, de todos os rostos que gritavam e gritavam e cuspiam maldições sobre ele, o dele era o rosto mais calmo e feliz. À medida que as amarras prendiam o seu corpo na estaca, e a chama começava, o transgressor olhou para a cidade. Havia um fio fino de sangue saindo-lhe do canto da boca, mas seus lábios estavam sorrindo. E um pensamento monstruoso veio até nós, um pensamento que nunca nos deixou. Um pensamento sobre Santos.

Nós ouvimos falar dos Santos.

Há os Santos do Trabalho, os Santos dos Conselhos e os Santos do Grande Renascimento. Mas nós nunca tínhamos visto um Santo, nem nada parecido com um Santo. E pensamos então, em pé na praça, que o mais próximo de um Santo, que podíamos imaginar, era o rosto que víamos diante de nós queimando nas chamas, a face do transgressor da Palavra Impronunciável.

À medida que as chamas cresceram, aconteceu algo que nenhum olho viu, mas que os nossos viram e nada dissemos a ninguém, pois, de outra forma, não estaríamos vivos hoje. Certamente seríamos justificados com a morte. Pareceu-nos que os olhos do transgressor nos escolheram na multidão, e nos observavam diretamente, como se nos passassem alguma mensagem.

Não havia dor naqueles olhos e nenhuma aparência de agonia no seu corpo. Havia neles apenas alegria e orgulho. Um orgulho mais santo do que seria de se esperar, que pudesse ser o orgulho humano. E pareceu-nos como se aqueles olhos estivessem tentando nos dizer algo através das chamas, como que a enviar para os nossos olhos, alguma mensagem sem som.

E parecia que aqueles olhos estavam implorando-nos para que aprendessemos a palavra terrível, mas que não a pronunciássemos. Só aprendessemos. Mas as chamas se levantaram e não conseguimos adivinhar a palavra. . . O que... - mesmo que tenhamos que queimar como ele - Qual é a Palavra Indizível?

CAPÍTULO TRES

Nós, Igualdade 7-2521, descobrimos um novo poder da natureza. E descobrimos isso sozinhos, e estamos sozinhos na luta para estudar esse novo poder, e isto é fato. Nós tememos que a consequência, para nós, da nossa descoberta seja um grande castigo e não um prêmio. O Conselho dos Estudiosos diz que todos conhecemos as coisas que existem e, portanto, as coisas que não são conhecidas por todos não existem. Mas nós pensamos que o Conselho dos Estudiosos é cego.

Os segredos desta terra não são para serem vistos por todos os homens, mas apenas por aqueles que buscam. Nós sabíamos que tínhamos descoberto algo desconhecido para todos os nossos irmãos. Não sabíamos do que esse poder seria capaz e nem de onde vinha. Mas nós estudamos a sua natureza, pesquisando e trabalhando com aquela força. Nós identificamos aquele poder há dois anos atrás.

Uma noite, estávamos dissecando o corpo de uma rã morta, quando vimos suas pernas se mexendo. Estava morta, mas se mexia. Algum poder desconhecido pelos homens era capaz de fazê-la se mover. De início não conseguimos entender o fenômeno. Então, depois de muitos testes, encontramos a resposta.

A rã estava pendurada em um fio de cobre e aconteceu algo extraordinário: uma descoberta que nos assombrou. Passamos a dar preferência para o estudo das rãs mortas, que se mexiam, em detrimento de todos os outros estudos. Trabalhamos com isso, testávamos isso de mais maneiras do que podemos descrever, e a cada passo acontecia um milagre, perante nós. Percebemos que tínhamos descoberto o maior poder da Terra e isso desafiava todas as leis conhecidas pelos homens.

Ao aproximar da rã morta uma bússola roubada por nós, percebemos que a agulha magnética se movia. Mas nos ensinaram, quando ainda criança, que a agulha da bússola aponta sempre para o norte e que, esta é uma lei que nada pode mudar. No entanto, nossa descoberta desafiava esta lei. Descobrimos que a força que movimenta a rã morta e a agulha da bússola, também causa raios, e nunca os nossos sábios foram capazes de saber o que causa os raios. Em uma noite tempestuosa, de raios e trovoadas, nós instalamos uma haste alta de ferro ao lado do nosso túnel, e ficamos observando, à uma distância segura. Nós verificamos que os raios atingiram, sucessivamente, a barra, porém não a destruindo. Concluimos que uma barra de metal, construída adequadamente, pode capturar a força dos raios, do céu para a terra.

Nós construímos coisas estranhas com essa nossa descoberta. Para construir essas coisas, usamos fios de cobre que encontramos, aqui mesmo, na nossa caverna secreta. Exploramos o túnel até onde foi possível, usando velas, mas não podíamos ir muito longe, porque o túnel havia desmoronado e pedras impendiam a passagem. Recolhemos o que foi possível e trouxemos para o nosso local de trabalho. Encontramos caixas estranhas, com barras de metal dentro, e muitos cordões e bobinas de metal.

Encontramos fios que se ligavam a estranhos globos de vidro nas paredes. Eles eram de metal e eram mais fino que a teia de uma aranha. Essas coisas nos ajudam no nosso trabalho. Nós não as entendemos, mas pensamos que os homens dos Tempos Imemoriais conheciam nosso poder do céu, e essas coisas tinham alguma relação com ele. Não sabemos, mas desejamos aprender. Não podemos parar agora, mesmo que nos assuste o fato de estarmos sozinhos em nossas pesquisas. Ninguém pode possuir maior sabedoria do que os Estudiosos que são eleitos, devido a sua sabedoria. No entanto, nós podemos e sabemos disso. Nós lutamos contra dizer isso, mas agora está dito. E isso não nos preocupa. Nós esquecemos os homens, suas leis e todas as coisas, salvo nossos metais e nossos fios.

Ainda há muito a ser aprendido!

Por enquanto, uma estrada está aberta diante de nós, e vamos percorre-la sozinhos. Em uma de nossas experimentações, observamos que o metal da nossa faca tinha enviado um estranho poder, através da salmoura, para o cobre enfiado no corpo da rã. Então, por curiosidade e tentativas, acabamos colocando um pedaço de cobre e um pedaço de zinco em um jarro de salmoura e, a seguir, tocamos um fio neles, e aconteceu um milagre sob nossos dedos. Um milagre que nunca antes havia ocorrido, um novo milagre e um novo poder.

CAPÍTULO QUATRO

Muitos dias se passaram antes que pudéssemos falar com a Cabelos Dourados novamente. Mas então veio o dia em que o céu se tornou branco, como se o sol tivesse explodido e espalhado a sua chama no ar, e os campos ficaram sem respiração, e o pó da estrada se tornou branco e brilhante. As mulheres do campo descansavam longe da cerca, onde a minha amada me esperava, sozinha. Nós paramos próximos dela e observamos os seus olhos, orgulhosos e que pareciam desdenhar o mundo. Nós nos olhamos, sem necessidade de falar. Finalmente, dissemos:

- Nós lhe demos um nome, em nossos pensamentos, Liberdade 5-3000. – Que nome é esse? – Ela perguntou.

- Cabelos Dourados.

- Você também não é Igualdade 7-2521, em nossos pensamentos. – respondeu ela

- Qual nome que você nos deu?- perguntamos. Ela olhou diretamente nos nossos olhos e, com a cabeça alta, respondeu:

- O Inconquistável. Durante muito tempo não conseguimos falar.

Então dissemos:

- Pensamentos como estes são proibidos, Cabelos Dourados...

- Mas você pensa pensamentos como esses e deseja que eu pense igual a você.

Olhamos em seus os olhos e não podíamos mentir.

- Sim, nós sussurramos.

Ela sorriu e então nós dissemos:

- Nosso coração não obedece a nossa razão.

Ela recuou e seus olhos estavam largos e imóveis.

- Fale essas palavras novamente - ela sussurrou.

- Quais palavras? nós perguntamos.

Ela não respondeu, mas nós compreendemos e sussurramos:

- Nosso coração...

Nunca homens disseram isso às mulheres. A Cabelos Dourados levantou-se e inclinou, lentamente, a cabeça para baixo, diante de nós, com os braços ao lado do corpo e as palmas das mãos viradas para nós, como se seu corpo se rendesse aos nossos olhos. Nós não podíamos falar. Então ela levantou a cabeça novamente e, gentilmente, falou:

- O dia está quente e você trabalhou por muitas horas, deve estar cansado.

– “Não”, nós respondemos, “é mais fresco no campo...”

– “... e há água para beber.” – completou ela.

Em seguida ela nos perguntou:

- Você está com sede?

- Sim, nós respondemos, mas não podemos atravessar a cerca.

– Então nós traremos água para você, disse ela...

Então, ela se ajoelhou no córrego, juntou as duas mãos em forma de concha e trouxe água até nossos lábios. Nós não sabemos se bebemos, realmente, aquela água. Sabemos, apenas, que as mãos dela estavam vazias, mas nós mantínhamos os nossos lábios colados a ela e que ela percebia isso, mas também não retirava as mãos. Levantamos a cabeça e recuamos assustados, pois não podíamos entender o que estava acontecendo, e tínhamos medo de entender. A Cabelos Dourados recuou e ficou olhando suas mãos maravilhadas. Em seguida ela afastou-se de nós, com medo, embora as outras mulheres estivessem distante. Ela precisava ir, mas não conseguia afastar-se de nós.

CAPÍTULO CINCO

Nós criamos isso. Nós trouxemos isso da noite dos tempos. Nós sozinhos. Nossas mãos. Nossa mente. Nós, apenas nós. Não sabemos o que estamos dizendo. Nossa cabeça está cambaleando. Observamos a luz que fizemos. Devemos ser perdoados por qualquer coisa que digamos esta noite. . . .

Esta noite, depois de mais dias de provações do que podemos contar, acabamos de construir uma coisa estranha. Dos restos dos Tempos Imemoriais, trouxemos uma caixa de vidro, concebida para dar trazer do céu, um poder jamais sonhado por um mortal. Quando colocamos nossos fios nesta caixa e fechamos a corrente - o fio brilhou! Ele tornou-se vivo, vermelho, e um círculo de luz foi lançado na pedra diante de nós. Nós ficamos de pé, estarecidos e com a cabeça entre as mãos, pois não conseguíamos conceber o que criamos. Nós não tocamos na pedra e não fizemos fogo, mas havia luz!

Havia a luz que veio do nada, a luz do coração do metal. Nós apagamos a vela e a escuridão nos engoliu, mas uma fina luz vermelha iluminava a parede, onde corria o fio de metal. Não havia nada à nossa volta, nada de fogo para iluminar, mas a luz estava lá, iluminando a fenda da parede. Nós esticamos a mão e tocamos o fio, e vimos o nosso dedo ser tomado pelo brilho vermelho, que emanava do metal. Não podíamos ver nosso corpo nem senti-lo – tal a emoção - e naquele momento nada existia, exceto a nossa mão sobre um fio brilhando em um abismo escuro.

Então pensamos no significado daquilo que nos acontecera.

Poderíamos iluminar o nosso túnel, a cidade e todas as cidades do mundo, com nada além de fios e metais. Poderíamos dar aos nossos irmãos um novo tipo de iluminação. Mais limpa e brilhante do que qualquer outra que conhecemos. O poder do céu pode ser oferecido aos homens e, ao que parece, não há limites para o bem que esse poder tem a oferecer à humanidade.

Então nós soubemos o que deveríamos fazer. Nossa descoberta era grande demais, para que desperdissássemos o nosso tempo varrendo ruas. Não devemos manter nosso segredo para nós mesmos, nem enterrados sob o solo. Devemos levá-lo à luz e entregá-lo ao mundo. Nós precisávamos trabalhar como cientistas no Lar dos Estudiosos. Queremos ter a ajuda de nossos irmãos eruditos e, pelo bem de todos, ter a sua sabedoria unida ao nosso esforço. Há trabalho suficiente para todos os estudiosos do mundo. Em pouco tempo, o Conselho Mundial dos Estudiosos estaria se unindo a nós, na pesquisa e no aprendizado.

É um grande conselho, para o qual, são eleitos as maiores mentes e os maiores sábios de todas as terras. Nós iremos a este Conselho e daremos a ele, como presente, a caixa de vidro com o poder do céu. Devemos confessar tudo a eles. Eles vão ver, entender e perdoar, porque o nosso presente é maior do que a nossa transgressão. Eles vão explicar isso ao Conselho das Vocações, e seremos designados para o Lar dos Estudiosos.

Algo assim nunca aconteceu antes e, por isso, devemos tomar cuidado. Nós devemos esperar. Devemos proteger nosso túnel, mais do que nunca, pois se ele for destruído, tudo estará acabado para nós. Nós nunca poderíamos convencer os Estudiosos, apenas com palavras, uma vez que todas as nossas anotações e todas as nossas experiências se encontram escondidos, na nossa caverna secreta. Eles não veriam nada, exceto o nosso crime e, certamente, destruiriam a nós e a nossa luz.

Nós não nos preocupamos com o nosso corpo, mas com a nossa luz... Na verdade, nós nos preocupamos com o nosso corpo, sim. Pela primeira vez, nos preocupamos conosco. O fio brilhante é uma parte do nosso corpo, como uma veia nossa, brilhando em nosso sangue.

Nós estamos orgulhosos do fio brilhante, ou de nossas mãos que o fizeram. Será que existe uma linha divisória entre esses dois sentimentos?

Nós esticamos os nossos braços.

Pela primeira vez, percebíamos o quanto os nossos braços eram importantes.

E um pensamento estranho veio até nós: percebemos maravilhados, pela primeira vez em nossa vida, a beleza do nosso corpo. Os homens do nosso mundo nunca vêem seus próprios rostos e nunca perguntam aos seus irmãos sobre isso, pois é mau se preocupar com seus

próprios rostos ou corpos. Mas esta noite, por uma razão que não podemos imaginar, desejamos que fosse possível para nós, conhecer melhor a aparência de nossa própria pessoa.

CAPÍTULO SEIS

Então algo aconteceu e nós fomos pegos e ficamos trinta dias sem escrever, porque ficamos trinta dias sem poder ir ao nosso túnel secreto. Aconteceu naquela noite, quando escrevemos nossa última observação. Nós esquecemos de observar a ampulheta e ficamos mais de três horas dentro do túnel. Ficamos tempo demais.

Nos apressamos a sair. As ruas da cidade estavam diante de nós, ainda escuras e vazias, mas a aurora se aproximava. Se voltássemos para nos esconder no nosso túnel, seríamos encontrados e nossa luz seria descoberta. Então, tomando coragem, caminhamos até o Lar dos Varredores de Rua.

Quando o Conselho da Casa nos questionou, olhamos os rostos dos Concelheiros e observamos que não havia curiosidade naqueles rostos, nem raiva nem piedade.

Então, quando o mais velho nos perguntou: "Onde você esteve?", Pensamos em nossa caixa de vidro e na nossa luz, e nós esquecemos tudo mais.

E respondemos: - Não lhe diremos.

O mais velho não nos questionou mais. Apenas se voltou para dois jovens seguranças e disse, com voz aborrecida:

- Levem o nosso irmão, Igualdade 7-2521, ao Palácio da Detenção Corretiva e chicotei-no, até que ele fale.

Então fomos levados para a Sala de Pedra, que fica localizada sob o Palácio da Detenção Corretiva. Este cômodo não tem janelas e é completamente vazio, exceto por um poste de ferro. Haviam dois homens parados ao lado do poste, eles usavam aventais de couro e capuzes nos rostos.

Aqueles que nos trouxeram partiram, deixando-nos por conta de dois juizes, que estavam em um canto da sala. Os juizes eram homens pequenos, magros, cinzentos e curvados.

Eles deram o sinal para os encapuzados.

Os algozes rasgaram nossas roupas, colocaram-nos de joelhos e amarraram nossas mãos no poste de ferro. Já no primeiro golpe do chicote, sentimos como se a nossa espinha tivesse sido quebrada em duas.

O segundo golpe superou o primeiro e, por um segundo, não sentimos nada, então a dor nos atingiu em cheio um fogo correu em nossos pulmões, deixando-nos sem ar.

Nós não choramos.

O chicote novamente assobiou como a voz do vento.

Nós tentamos contar os golpes, mas perdemos a contagem.

Apenas sabíamos que os golpes caíam sobre nossas costas, porém não sentíamos mais nada.

Uma grelha flamejante parecia dançar diante de nossos olhos e não pensávamos em nada, salvo na grelha. Uma grelha de quadrados vermelhos, e então percebemos que estávamos olhando para os quadrados da grade de ferro da porta. Mas também haviam os quadrados de pedra nas paredes. E haviam os quadrados que os chicotes produziam, cortando as carnes das nossas costas em linhas cruzadas de sangue.

Então nós vimos um punho diante de nós.

O punho bateu forte em nosso queixo e, então, vimos uma espuma vermelha sair da nossa boca. O juiz perguntou:

- Onde você esteve? Mas nós levantamos a nossa cabeça, escondemos nosso rosto entre nossas mãos amarradas e mordemos os nossos lábios.

O chicote assobiou novamente

Nós nos perguntávamos quem estaria pulverizando pedaços de brasas no chão, pois viamos gotas vermelhas sobre as pedras ao nosso redor. Não entendíamos mais nada, exceto que duas vozes, como se fossem grunhidos, nos perguntavam o tempo todo:

- Onde você esteve? onde você esteve? onde você esteve? onde você esteve? . . . E nossos lábios se moviam, mas o som morria na garganta, e o som era apenas:

- A luz. . . A luz . . . A luz . . .

Quando abrimos nossos olhos, estávamos deitados de barriga no chão de tijolos, de uma cela. Nós vimos duas mãos se mexendo diante de nós nos tijolos e, após um pouco de concentração, nós percebemos que eram as nossas mãos. Mas não podíamos mover o nosso corpo.

Então sorrimos, pois pensávamos na luz e nós não a traímos.

Nós ficamos presos por muitos dias.

A porta se abria duas vezes por dia, para os homens que nos traziam pão e água, e uma vez para os juízes. Muitos juízes foram à nossa cela, primeiro os juízes mais humildes e depois os mais honrados da cidade. Eles paravam diante de nós, com suas togas brancas, e diziam: - "Você está pronto para falar?"

Mas nós sacudíamos a cabeça, deitados diante deles no chão.

E eles partiam.

Nós contávamos cada dia e cada noite que passava.

Então, uma noite, nós percebemos que poderíamos escapar. Pela manhã o Conselho Mundial de Estudiosos se reuniria em nossa cidade e todos estariam muito ocupados e demorariam a descobrir a nossa fuga noturna. Seria fácil escapar, porque o cadeado da porta era velho e, nesse dia, não haveria guardas.

Não havia razão para guardas, pois ninguém nunca desafiou os Concelhos e não havia lugar, para onde se pudesse fugir. Nosso corpo é saudável e a nossa força retornou rapidamente. Nós nos lançamos contra a porta e ela caiu. Nós fugimos através de estreitas passagens e de ruas escuras, até chegar no nosso túnel secreto.

Nós acendemos a vela e vimos que nosso local não tinha sido encontrado e nada fora tocado. A nossa caixa de vidro estava diante de nós, como a deixamos e, por isso, pouco importa as feridas em nossas costas.

Amanhã, em plena luz do dia, nós pegaremos a nossa caixa, deixaremos o túnel aberto e caminharemos pelas ruas, em direção ao Lar dos Estudiosos. Nós colocaremos diante daqueles homens, o maior presente da vida deles.

Nós contaremos para eles, toda a verdade.

Nós colocaremos nas mãos deles, como nossa confissão, tudo o que escrevemos. Nós uniremos nossas mãos às deles, e trabalharemos juntos, com a força do céu, para a glória da humanidade.

Amanhã nós seremos reintegrados à sociedade e seremos abençoados por nossos irmãos! – Amanhã...

CAPÍTULO SETE

É escuro aqui na floresta. As folhas negras balançam sobre nossa cabeça, contra o último raio de sol no céu, e o musgo é macio e quente. Nós dormimos sobre o musgo por muitas noites, com medo de que os animais da floresta nos atacassem, como dizem as lendas na cidade.

Já somos velhos hoje, mas éramos jovens na ocasião em que corremos pelas ruas da cidade com a nossa caixa de vidro, fugindo do Lar do Estudiosos, para nos embrenharmos na Floresta Desconhecida. Ninguém tentou nos deter, porque ninguém sabia nada a respeito da nossa situação no Palácio da Detenção Corretiva e, assim, nós partimos para o desconhecido, para começar vida nova.

Naquele dia, em que fugimos do Palácio da Detenção Corretiva, nós caminhamos pelas ruas da cidade até chegarmos a uma grande sala onde, solenemente, se reunia o Conselho Mundial dos Estudiosos. Não vimos nada quando entramos, salvo o céu, azul e brilhante, através das grandes janelas. Então nós vimos os estudiosos, sentados em volta de uma grande mesa e eles eram como nuvens sem forma, amontoadas no horizonte do grande céu. Havia homens, cujos nomes famosos nós conhecíamos, e outros de terras distantes, que nunca tínhamos ouvido falar. Havia um grande quadro na parede, sobre suas cabeças, com o retrato de vinte ilustres homens, que inventaram a vela.

Todas as cabeças dos conselheiros se voltaram para nós, quando entramos. Os maiores sábios da terra não sabiam o que pensar de nós, pois parecíamos uma miragem. É verdade que a nossa túnica estava rasgada e manchada de sangue.

Nós levantamos o braço direito e dissemos:

- Saudações honrados irmãos do Conselho Mundial de Estudantes!

Então, o Coletivo 0-0009, o mais antigo e mais sábio do Conselho, perguntou:

- Quem é você, irmão? Pois você não se parece com um acadêmico.

- Nosso nome é Igualdade 7-2521, respondemos, e nós somos um Varredor de Ruas desta cidade.

Foi como se uma rajada de vento invadissem a sala, pois os estudiosos se assustaram e demonstraram muita raiva.

- Um Varredor de Ruas! – Alguém exclamou.

- Um Varredor de Ruas invadindo o Conselho Mundial dos Estudiosos! Não dá para acreditar! É contra todas as regras e contra todas as leis!

Nós pensávamos que poderíamos impressioná-los e dissemos:

- Irmãos, esqueçam a nossa transgressão e ouçam-nos! O que importa, realmente, é a capacidade dos nossos irmãos estudiosos de avaliarem o presente que trago para vocês, os sábios do mundo... Esqueçam-se de nós, pois não somos nada! Mas ouçam o temos a dizer. Nós temos o futuro da humanidade em nossas mãos!

Então eles se dispuseram a nos ouvir e nós depositamos a nossa caixa de vidro sobre a mesa, diante deles. Falamos sobre o túnel, sobre a nossa longa pesquisa e sobre a nossa fuga do Palácio de Detenção Corretiva. Enquanto nós falávamos eles permaneciam calados e nem piscavam.

Então nós instalamos os fios na caixa, enquanto eles observavam, calados e curiosos. Imóveis, eles viam a fiação se tornando rubra como o sangue. Mas quando o fio começou a brilhar, nós vimos o terror se estampar nas faces dos Estudiosos. Tamanho medo se instalou entre eles, que se descontrolaram completamente. Eles se pisaram, tropeçaram na mesa e ficaram pressionados contra a parede, agarrando-se uns aos outros, para dar coragem.

Nós olhamos para eles e, sorrindo, dissemos:

- Não tenham medo, nossos irmãos. Existe um grande poder nesses fios, mas essa força pode ser controlada por nós. Ela é de vocês. Nós a damos de presente.

Ainda assim, eles não se moviam.

- Nós lhe damos o poder do céu! - Nós gritamos – Nós lhe damos a chave da terra! Tomem-na e deixe-nos ser um de vocês, o mais humilde entre vocês. Vamos trabalhar juntos e aproveitar esse poder, e facilitar a vida dos homens. Vamos substituir as velas e tochas por essa

nova luz! Vamos inundar as nossas cidades com luz! Vamos trazer a nova luz para todos os homens!

Mas eles olharam para nós de tal maneira que, de repente, sentimos muito medo. Pareceu-nos que seus olhos se tornaram pequenos e se concentraram em nós, cheios de maldade.

- Irmãos! Nós gritamos. Vocês não têm nada para nos dizer?

Então o Coletivo 0-0009 se decidiu. Ele dirigiu-se de volta para a mesa e todos o seguiram.

- Sim, falou o Coletivo 0-0009, nós temos muito para dizer-lhe – O som de sua voz silenciou o salão e o ritmo de nosso coração - temos muito a dizer a um miserável que quebrou todas as leis e que se vangloria da infâmia! De onde a sua mente tirou a idéia macabra, de que você possui maior sabedoria do que as mentes de seus irmãos? E se os conselhos haviam decretado que você deveria ser um Varredor de Ruas, como ousou pensar que poderia ser de maior utilidade para os homens, do que varrer as ruas?

- Como ousou você, Varredor de Ruas - falou o Fraternidade 9-3452 - trabalhar sozinho em qualquer tipo de projeto?

- Você será queimado na fogueira, disse o Democracia 4-6998.

- Não, ele será amarrado e chicoteado - disse Unanimidade 7-3304 - até que possa aprender a lição.

- Não irmãos – disse o Coletivo 0-0009 - não podemos decidir sobre isso, devemos entregá-lo às autoridades locais e deixar que o Conselho local decida o que fazer com este miserável.

Nós os olhamos e pedimos:

- Nossos irmãos! Vocês estão certos. Deixem que a vontade do Conselho seja feita em nosso corpo. Nós não nos preocupamos com isso. Mas e a luz? O que vocês farão com a luz?

O Coletivo 0-0009 nos olhou, sorriu e disse:

- Então você acha que encontrou um novo poder... Todos os seus irmãos pensam isso?

- Não, nós respondemos.

- Se algum pensamento não é o pensamento de todos os homens, então esse pensamento não pode ser verdadeiro, disse o Coletivo 0-0009.

- Você trabalhou sozinho? Perguntou Internacional 1-5537.

- Sim, nós respondemos.

- O que não é feito coletivamente, não pode ser bom, disse o Internacional 1-5537.

- Muitos homens no Lar dos Estudiosos tiveram novas ideias no passado, disse o Solidariedade 8-1164, mas quando a maioria de seus irmãos Estudiosos não concordaram, eles abandonaram as idéias, como devem todos os homens fazerem.

- Esta caixa é inútil, disse o Aliança 6-7349.

- Se for, realmente, como ele afirma, disse Harmonia 9-2642, então essa caixa traria a ruína do Departamento de Velas e as vela são uma grande vantagem para a humanidade, conforme já foi aprovado por todos os homens e, portanto, não podem ser destruídas pelo capricho de apenas um.

- Isso destruirá os Planos do Conselho Mundial, disse Unanimidade 2-9913, e sem os Planos do Conselho Mundial, o sol não pode subir.

Demorou-se cinquenta anos para se garantir a aprovação de todos os detalhes no Conselho da Vela, para decidir-se sobre a quantidade necessária para atender a população e para reajustar os planos de fabricação de velas, para substituir as tochas e isso empregou milhares e milhares de homens, trabalhando em dezenas de Estados. É muito cedo para alterar os planos, já estabelecidos.

- E se isso devesse iluminar a vida dos homens, disse Similaridade 5-0306, então é um grande mal, pois os homens não têm motivos para existir, exceto em trabalhar para os outros homens.

Então o Coletivo 0-0009 se levantou e apontou para a nossa caixa.

- Esta coisa, ele disse, deve ser destruída.

E todos os outros gritaram como um só:

- Deve ser destruída!

Então nós pulamos sobre a mesa, pegamos a nossa caixa e corremos para a janela. Nós nos voltamos e olhamos pela última vez para aqueles irmãos, sentindo uma raiva inadequada para um humanos e, com nossa voz embargada, nós gritamos:

- Seus tolos! Seus tolos! Vocês são idiotas três vezes!

Quebramos a vidraça e fugimos, sob uma chuva de estilhaços de vidro. Caímos, mas nunca deixamos a caixa cair de nossas mãos.

Então corremos.

Nós corremos cegamente, e homens e casas passaram por nós em uma torrente sem forma. A estrada, diante de nós, parecia não ser plana, mas como se estivesse saltando para nos encontrar, e esperamos que a terra se levantasse e nos golpeasse no rosto.

Mas nós corremos.

Não sabíamos para onde estávamos indo.

Sabíamos apenas que devíamos correr, correr até o fim do mundo, até o fim dos nossos dias. De repente percebemos que tínhamos parado e estávamos deitados em uma terra macia. Observamos árvores tão altas, como nunca tínhamos visto antes, além de um grande silêncio. Então, nós percebemos que estávamos na Floresta Desconhecida. Não tínhamos pensado em vir para este lugar, mas nossas pernas nos trouxeram até aqui, independentemente da nossa vontade.

E a nossa caixa de vidro estava ao nosso lado.

Nós nos arrastamos até a caixa e a pegamos. Colocamos o nosso rosto entre os braços e ficamos quietos. Ficamos assim por muito tempo. Então nos levantamos, pegamos nossa caixa e caminhamos para dentro da floresta. Não importava para onde estávamos indo.

Sabíamos que não seríamos seguidos, pois nunca antes, alguém entrara na Floresta Desconhecida. Percebemos que não sentíamos aquele medo, que os outros sentiam. Acreditava-se que a floresta tinha muitas vítimas, mas isso também, não nos assustava.

Só desejávamos estar longe da cidade e, até, do ar que lá se respira. Então nós caminhamos, sempre com nossa caixa em nossos braços e nosso coração vazio. Estávamos condenados. Assim, os dias que ainda nos restassem, deveríamos gastá-los sozinhos. Lembramos ter ouvido falar da corrupção encontrada na solidão.

Nós nos despedimos das verdades que, a partir de agora, passam a ser, para nós, as verdades dos nossos irmãos, que ficaram na cidade pois, para nós, não há mais volta. Nós conhecemos essas coisas dos nossos irmãos, entretanto, não nos importamos mais com elas. Não nos importamos com a Terra. Nós estamos cansados. Somente a caixa de vidro em nossos braços, nos interessa e ela é como um coração vivo, que nos dá força. Somos sinceros para conosco mesmo.

Nós não construímos esta caixa, pensando no bem de nossos irmãos, mas sim, por nossa própria causa. O que será, para nós, a verdade dos nossos irmãos e estará essa verdade acima da nossa verdade? Por que se perguntar sobre isso? Não temos muitos dias para viver. Estamos caminhando, simplesmente, até encontrarmos um lugar entre as grandes árvores silenciosas. Não há nada atrás de nós, para nos arrependermos.

Então um golpe de dor nos atingiu, porque lembramos do nosso primeiro e único amor. Pensamos na Cabelos Dourados, achando que nunca mais a veríamos. Então a dor passou e foi melhor assim. Será melhor que a Cabelos Dourados esqueça o nosso nome e o corpo que carregava esse nome.

CAPÍTULO OITO

Foi um dia de maravilhas, este nosso primeiro dia na floresta. Acordamos quando um raio de luz solar aqueceu a nossa face. Nós queríamos pular e dançar de alegria, com aquele sentimento de liberdade, e fizemos isso, pulamos e dançamos, até que veio a fome e nos lembramos de que não mais um sino tocaria e o alimento seria servido, como acontecia no Lar dos Varredores de Ruas. Não haveria mais sinos para nada. Felizes nos atiramos de costas para o solo e, com os braços abertos, ficamos admirando o céu.

As folhas das árvores tinham bordas de prata, que tremiam e ondulavam como um rio de verde, no alto, acima de nós. Estávamos felizes e desejávamos viver assim, para sempre, e rimos de alegria. Poderíamos fazer o que desejássemos, subir nas árvores, cair, levantar e cair de novo.

Pareciam pensamentos sem sentido, aqueles, mas antes de nos darmos conta, já tínhamos subido em uma árvore e saltado de um galho para outro e, maravilhados, descobrimos a força de nosso corpo.

O galho onde estávamos se quebrou e caímos sobre o musgo, que era macio como uma almofada. E nós rolamos, mais e mais, no musgo, e as folhas secas se agarraram em nossa túnica, em nosso cabelo e no nosso rosto. Percebemos, de repente, que estávamos rindo. Rindo em voz alta, rindo como se não houvesse nenhum poder em nós, salvo o riso.

Então nós pegamos a nossa caixa de vidro, e começamos a andar e explorar a floresta. Andamos cortando os ramos, e foi como se estivéssemos nadando através de um mar de folhas e arbustos, enquanto as ondas de vegetação subiam, caíam e, novamente, se elevavam ao nosso redor. Era como se as árvores se afastassem diante de nós, nos convidando a seguir em frente.

A floresta parecia nos receber.

Continuamos, sem pensar, sem cuidado com nada para sentir, salvo a música do nosso corpo. Paramos quando sentimos mais fome. Vimos pássaros nos galhos das árvores. Nós escolhemos uma pedra e atiramos nas aves, como se fosse uma flexa, e uma delas caiu diante de nós. Fizemos, então, uma fogueira e assamos a ave e comemos a melhor refeição da nossa vida. Percebemos a satisfação de se obter o alimento com as próprias mãos, e desejamos estar com fome novamente, para que possamos sentir, mais uma vez, esse estranho e novo orgulho em comer.

Então nós voltamos a caminhar e chegamos a um riacho, que parecia uma estrada de vidro entre as árvores. Era tão calmo, que parecia não ter água, mas apenas um sulco na terra, em que as árvores cresceram, viradas para cima, com o céu ao fundo.

Nós nos ajoelhamos às margens do córrego e nos abaixamos para beber. E então paramos admirados ao ver o céu sob nós, refletido nas águas do córrego e, pela vez na vida, vimos o nosso próprio rosto. Nós nos sentamos, quietos e reflexivos, pois percebíamos que éramos bonitos. O nosso rosto e o nosso corpo eram bonitos. Nosso rosto não era como os rostos de nossos irmãos, pois éramos fortes e belos e não sentimos nenhum remorso, por descobrir essas coisas.

Nós pensávamos que podíamos confiar naquele ser, que nos olhava de dentro da água e que não tínhamos nada a temer dele. Voltamos a caminhar e continuamos, até que as sombras da noite começaram a chegar. Procuramos um lugar, que nos pareceu seguro, entre as raízes das árvores, para passar a noite e, de repente, pela primeira vez neste dia, lembramos que nós somos os malditos. Nós nos lembramos disso, e rimos. Estamos escrevendo isso no papel, que escondemos em nossa túnica, juntamente com as páginas escritas que levamos para o Conselho Mundial de Estudantes, mas que nunca lhes foram entregues.

Temos muito a falar de nós mesmos, e esperamos que possamos encontrar as palavras para isso nos dias vindouros, mas agora, não podemos falar, pois ainda não entendemos bem o que está acontecendo.

CAPÍTULO NOVE

Nós não escrevemos por muitos dias, pois não havia condições para tal. Não era o momento de falar sobre os acontecimentos, pois acreditávamos que lembraríamos de tudo, no momento certo.

Foi no nosso segundo dia na floresta que ouvimos passos atrás de nós. Nos escondemos nos arbustos e esperamos. Os passos se aproximaram. E então vimos a dobra de uma túnica branca entre as árvores e, maravilhosamente, um brilho de ouro no nível da cabeça de quem vinha caminhado pela mata.

Nós pulamos para a frente e corremos para ela, e ficamos olhando, paralisados, para a Cabelos Dourados. Ela nos viu e parou trêmula. Não podia falar. Nós não ousamos chegar muito perto dela.

Nervosamente e com voz trêmula, perguntamos:

- Como você está aqui, Cabelos Dourados?

Ela apenas sussurrou, emocionada:

- Encontramos você. . . .

- Como você está na floresta? nós perguntamos.

Ela levantou a cabeça, e havia um grande orgulho em sua voz, quando respondeu:

- Nós o seguimos.

Como não conseguíamos falar, ela disse:

- Nós ouvimos que você tinha ido para a Floresta Desconhecida, pois toda a cidade está falando sobre isso. Então, na noite do dia em que ouvimos isso, fugimos do Lar das Camponesas. Encontramos as marcas de seus pés pela planície onde nenhum homem andava. Então nós o seguimos, e fomos para a floresta, e seguimos o caminho onde os ramos foram quebrados pelo seu corpo...

Sua túnica branca estava rasgada, e a pele de seus braços sangrava, ferida pelos espinhos da mata, mas ela falava como se nunca tivesse notado isso e nem sentisse cansaço ou medo.

- Nós seguimos você, ela disse, e nós o seguiremos onde quer que você vá. Se o perigo o ameaçar, também ameaçará a nós e o enfrentaremos juntos. Se for a morte, morreremos com você. Você é condenado, e nós desejamos compartilhar sua condenação.

Ela olhou para nós, e sua voz era baixa, mas era triunfante.

- Seus olhos são como uma chama, enquanto nossos irmãos não têm esperança nem fogo. Sua boca é cortada de granito, enquanto nossos irmãos são macios e humildes. Sua cabeça é alta, enquanto nossos irmãos se encolhem. Você anda, enquanto nossos irmãos se arrastam. Preferimos ser condenada com você, em vez de abençoada com os outros. Faça o que quiser comigo, mas não me envie para longe de você.

Então ela se ajoelhou e inclinou a cabeça de ouro diante de nós. Nunca tínhamos pensado que aquilo que fizemos, pudesse gerar tamanha emoção. Nos inclinamos para levantar a Cabelos Dourados, mas quando a tocamos, foi como se a loucura nos atingisse. Nós pegamos o seu corpo e pressionamos nossos lábios contra os dela.

A Cabelos Dourados suspirou uma vez, e o seu suspiro foi como um gemido, e então seus braços se fecharam ao nosso redor. Nós ficamos juntos por um longo tempo e, então, percebemos que vivemos por vinte e um anos sem saber que a alegria é possível aos homens. Então dissemos:

- Nossa mais querida... Não tema nada da floresta. Não há perigo na solidão. Não temos necessidade de nossos irmãos. Deixe-nos esquecer o seu bem e o nosso mal, deixe-nos esquecer todas as coisas, exceto que estamos juntos e que a nossa alegria é estarmos juntos. Dê-nos a mão. Olhe para frente. É nosso próprio mundo, Cabelos Dourados. É um mundo estranho e desconhecido, mas é o nosso mundo, a partir de agora.

Então caminhamos para dentro da floresta, de mãos dadas. E naquela noite, nós soubemos o que é segurar o corpo de uma mulher em nossos braços e achamos que isso não é feio e nem vergonhoso, como nos ensinaram, mas sim, a maior alegria que um homem pode ter em sua vida.

Nós caminhamos por muitos dias. A floresta parecia não ter fim, mas nós procurávamos, determinados, um lugar ideal para começarmos uma nova vida e, além do mais, cada dia caminhado na floresta, aumentava a distância entre nós e a cidade o que, para nós, significava uma benção adicional. Nós fizemos um arco e muitas flechas. Podíamos matar mais aves do que

precisamos para nossa comida. Encontramos água e frutas na floresta. Para passar a noite, procurávamos sempre alguma clareira e acendíamos fogueiras, para espantar os animais selvagens, que não se aproximavam por causa do fogo, mas podíamos ver seus olhos, ameaçadores, nos observando através da mata.

O fogo ardia como uma coroa de ouro à nossa volta, enquanto a fumaça dançava no ar, em colunas que imitavam a luz do luar. Dormíamos em segurança, protegidos pelo anel de fogo, com os braços da Cabelos Dourados ao nosso redor e a sua cabeça sobre o nosso peito.

Algum dia, vamos parar e construir uma casa, mas isso, somente quando estivermos longe o suficiente da cidade, mas não precisamos nos apressar, pois os dias que temos pela frente, parecem sem fim, como a floresta. Ainda não podemos entender bem, essa nova vida em que nos encontramos, é claro, mas ela nos parece límpida e simples. Quando as dúvidas chegam, para nos incomodar, nós balançamos a cabeça e olhamos para a nossa linda companheira e, como em um passe de mágica, tudo fica bem.

As sombras das folhas caem sobre os braços alvos da nossa amada, quando ela afasta os galhos para passar, enquanto seus ombros recebem a luz do sol. A pele de seus braços se parece com uma névoa azul, mas seus ombros são brancos e brilhantes, como se a luz não caísse de cima, mas subisse de sua pele. Observamos uma folha que caiu sobre o seu ombro e parou na curva do pescoço, onde uma gota de orvalho brilhou sobre ela, como uma jóia. Ela, como que adivinhando nossos pensamentos, aproximou-se de nós e parou, sorrindo. Então a nossa amada ficou esperando, obedientemente e sem perguntas, até que decidimos o que fazer.

Nós fizemos sinal para continuar, e continuamos.

Continuamos e abençoamos a terra sob nossos pés. Mas as dúvidas nos chegavam constantemente, enquanto caminhávamos em silêncio. Se o que aprendemos é que a solidão traz a infelicidade, então como explicar o fato de nos sentirmos tão felizes naquela solidão? Se estar sozinho é um grande mal, como nos ensinaram, então como entender o que estava acontecendo conosco, naqueles momentos mágicos?

Nós quebramos a lei e temos consciência disso. No entanto, agora, enquanto atravessamos a floresta, estamos aprendendo a duvidar do valor daquelas leis. Se uma lei não promove a felicidade dos homens, tal lei não pode ser boa.

Não somos felizes, quando trabalhamos apenas para nossos irmãos, e trabalhamos por trabalhar, mas sem fazer aquilo que, realmente, gostaríamos de fazer. Ficamos cansados, mas sem finalidade. Nos ensinaram que não há alegria para os homens, salvo se ela for compartilhada com todos os irmãos, mas nós descobrimos que podemos ser felizes estando, apenas, em companhia da Cabelos Dourados. E essa alegria vem apenas de dentro de nós, e nos pertence, sem ter nenhuma relação com nossos irmãos. A nossa felicidade – a qual não diz respeito a ninguém – não haveremos de compartilhar com todos os irmãos. Assim, nos perguntamos: Haverá algum erro, um erro espantoso, no pensamento de alguém, que pensa dessa maneira? Qual seria esse erro? Não sabemos, mas a luta dentro de nós, é uma luta para renascer e recomeçar.

Então a Cabelos Dourados parou, de repente, e disse:

- Nós te amamos...

Mas, então, ela franziu a testa, sacudiu a cabeça e olhou para nós, impotente.

- Não, ela sussurrou, não era isso que queríamos dizer. Ela ficou em silêncio e, depois, falou lentamente, como uma criança que estivesse aprendendo a falar:

- Nós somos um. . . sozinhos . . . e somente . . . E nós te amamos... sozinhos . . . e somente.

Nós nos olhamos, um para o outro, e sabíamos que o sopro de um milagre nos tocara. A

razão nos fugia... E nos sentíamos tocados por alguma palavra mágica, que não conseguíamos pronunciar.

CAPÍTULO DEZ

Estamos sentados à uma mesa e estamos escrevendo em papel que, provavelmente, foi fabricado há milhares de anos. A luz é fraca e não podemos ver, nitidamente, a Cabelos Dourados mas, apenas uma projeção de ouro no travesseiro de uma cama antiga. Esta é a nossa casa. Nós a encontramos hoje, no nascer do sol, após muitos dias cruzando uma cadeia de montanhas.

A floresta se desenvolveu entre os penhascos, e quanto mais andávamos, mais visualisávamos grandes picos diante de nós a oeste, ao norte e ao sul, até onde nossos olhos podiam ver.

Os picos eram vermelhos e castanhos, com as marcas verdes de florestas como veias sobre eles, com névoas azuis como véus sobre suas cabeças. Nunca ouvimos sobre essas montanhas, nem vimos nada em qualquer mapa. As montanhas foram protegidas, dos homens da cidade, pela floresta desconhecida. Assim, nós escalamos caminhos onde, até mesmo, uma cabra selvagem não ousaria seguir.

As pedras rolaravam de debaixo de nossos pés, e nós as ouvíamos batendo nas rochas abaixo, cada vez mais fundo, ecoando montanha abaixo, por muito tempo. Mas continuamos, porque sabíamos que nenhum homem jamais seguiria nossa pista e nem nos alcançaria aqui.

Então, hoje, ao nascer do sol, vimos um brilho entre as árvores, em um pico, bem à nossa frente. O brilho se parecia com um fogo branco e achamos que poderia ser um incêndio e, por isso, paramos. Mas a chama estava imóvel e, sabe-se lá como, parecia metal líquido. Então, subimos até as rochas, para entender o que se passava. De repente, diante de nós, em uma cúpula ampla e com as montanhas elevando-se ao fundo, apareceu uma casa, linda como nunca tínhamos visto. Percebemos que o aparente fogo branco era o reflexo do sol nos vidros das janelas. A casa tinha dois pavimentos e o telhado do primeiro pavimento, era o piso do segundo pavimento. Havia muitas janelas e elas, em seu desenho, ajudavam a manter as paredes de pé. As paredes eram duras e suaves, construídas com pedras diferentes daquelas que vimos no nosso túnel.

Nós dois ficamos sem palavras. Aquela casa tinha sido deixada por homens dos tempos imemoriais. As árvores a protegeram do tempo, do clima e de homens ignorantes, que têm menos piedade do que o tempo e o clima.

Nós nos voltamos para a Cabelos Dourados e perguntamos:

- Você tem medo? Ela sacudiu a cabeça, negativamente.

Então nós caminhamos até a porta, abrimos e pisamos juntos na casa dos tempos imemoriais. Demoraremos alguns dias ou, talvez, anos para olhar, aprender e entender as coisas desta casa. Hoje, só podemos olhar e tentar acreditar na visão dos nossos olhos. Nós puxamos as pesadas cortinas das janelas e vimos que os quartos eram pequenos, mas pensamos que umas doze pessoas poderiam ter vivido aqui.

Achamos estranho que os homens do passado, tivessem construído uma casa para doze pessoas. Nunca tínhamos visto cômodos tão cheios de luz. Os raios solares dançavam em cores e mais cores do que pensávamos serem possíveis, nós que vimos, em nossa vida, apenas casas brancas, castanhas e cinzas. Havia grandes pedaços de vidro nas paredes, mas não eram um tipo qualquer de vidro, pois refletiam as nossas imagens e todas as coisas atrás de nós, como a superfície límpida de um lago.

Havia coisas estranhas, que nunca tínhamos visto e cujo uso não era do nosso conhecimento. E havia, também, globos de vidro em todos os lugares e em cada sala. Havia globos com teias metálicas no interior, como o que vimos no nosso túnel. Encontramos o dormitório e ficamos admirados com o que vimos, pois era uma pequena sala e havia apenas duas camas nele. Não encontramos nenhuma outra cama na casa, e então intuimos que apenas duas pessoas viveram aqui, e que nós repetiríamos essa história.

Que tipo de mundo eles tinham, os homens dos tempos imemoriais? Encontramos roupas, e a Cabelos Dourados se sentiu feliz por isto, pois não eram túnicas e nem togas brancas. Eram roupas de todas as cores e não eram parecidas, umas com as outras. Algumas se desmancharam quando as tocamos, mas outras eram de pano mais pesado, e eram macias e

novas, ao nosso toque. Encontramos um quarto com paredes feitas de prateleiras, que continham fileiras de manuscritos, do chão ao teto. Nunca tínhamos visto tantos e nem de forma tão estranha. Não eram moles e enrolados, mas sim de um tipo de pano e couro, sendo que, as letras em suas páginas eram pequenas e, mesmo assim, nos perguntamos sobre os homens que tinham essa caligrafia. Ao observar as páginas com mais atenção, percebemos que elas estavam escritas em nosso idioma, apesar de existirem muitas palavras que não conseguimos entender.

Amanhã, começaremos a ler esses textos, pois hoje é dia de explorar os cômodos da casa. Olhamos para a Cabelos Dourados e percebemos que nós dois estávamos pensando a mesma coisa. Então falamos:

- Nunca devemos deixar esta casa, dissemos, e nem permitir que outro homem a tome de nós, enquanto vivermos nesta Terra. Não podemos compartilhá-la com os outros, pois não compartilhamos nossa alegria com eles, nem nosso amor, nem nossa fome. Então, esta maravilha haverá de ser nossa, até o fim dos nossos dias.

- Sua vontade será feita, ela respondeu.

Então saímos em busca de madeira para começarmos a cozinhar na nossa casa.

Trouxemos água do córrego, que corre entre as árvores abaixo das nossas janelas. Matamos uma cabra montesa, e trouxemos sua carne para ser cozida em um pote de cobre, estranho, que encontramos em um lugar de maravilhas, que deve ter sido a cozinha da casa.

Nós fizemos todo este trabalho sozinho, pois nada do que dizíamos conseguia tirar a Cabelos Dourados da frente dos grandes vidros, das paredes, que refletiam o seu corpo. Ela ficou diante dos vidros, como que hipnotizada, olhando e admirando o seu próprio corpo. Quando o sol se escondeu, além das montanhas, ela adormeceu no chão, cansada e, então, levamos a nossa amada, em nossos braços, e a acomodamos em uma das camas, tão confortavelmente quanto nos foi possível.

Então acendemos uma vela, pegamos um dos manuscritos, e nos sentamos próximos à janela, pois sabíamos que não poderíamos dormir naquela noite. E agora, olhando para a terra e para o céu, para as rochas nuas, os picos e o luar, nos sentimos em um mundo novo, prontos para começar uma nova vida.

Não sabemos o que dizer sobre o nosso futuro, ou que nos espera, mas nos parece que tudo será muito bom. Desejamos falar. Desejamos dar ao nosso objetivo, um significado, o mais elevado possível. Olhamos para frente e pedimos orientação ao nosso coração e, embora não ouvíssemos nenhuma resposta física, sentíamos que o nosso coração nos respondia feliz.

Nós olhamos para o pergaminho em nossas mãos e observamos o pó de séculos, o pó que escondeu grandes segredos e, talvez, grandes males. No entanto, não há medo em nosso coração, mas apenas uma silenciosa reverência.

Que o conhecimento venha até nós! Estamos prontos para ele...

CAPÍTULO ONZE

Eu sou. Eu penso. Eu serei. Minhas mãos... Meu espírito... Meu céu... Minha floresta... Esta terra é minha... O que devo dizer além disso? Estas são as palavras. Esta é a resposta.

Estou aqui, no topo da montanha. Levantei minha cabeça e abri os braços. Isto é meu corpo e espírito, este é o fim da busca. Desejei conhecer o significado das coisas. Eu sou o significado. Desejei encontrar um sentido para o ser. Não preciso de um sentido para o meu ser, e de nenhuma autorização para aprender sobre o meu ser.

Eu sou o pedido e a autorização. São meus olhos que vêem, e é a visão dos meus olhos que dá a beleza à terra. São os meus ouvidos que ouvem, e é a minha audição que dá música ao mundo.

É minha mente que pensa, e o meu julgamento é o único válido. É a minha vontade que escolhe e a escolha da minha vontade é o único édito que devo respeitar.

Muitas palavras eu posso dizer, sendo algumas sábias e outras falsas, mas apenas duas são santas:

Eu farei!

Em qualquer estrada que eu tome, a estrela guia está dentro de mim. A estrela guia e as pedras do caminho me apontam o caminho e a direção a ser seguida.

Não sei se esta terra, em que eu resido com minha amada, é o centro do universo ou se é apenas um grão de areia, perdido na eternidade. Eu não sei e não me importo, pois eu sei, apenas, que a felicidade é possível para mim nesta terra. E a felicidade não precisa de muitos questionamentos, e a possuo e isto é suficiente para mim.

A felicidade não é o meio para qualquer fim. Ela o próprio fim. É o próprio objetivo e o propósito de tudo. Ninguém é o meio para qualquer fim, que outros desejem realizar. Ninguém é uma ferramenta para uso dos outros e nem, tampouco, um servo de suas necessidades.

Eu não sou uma bandagem para as feridas dos outros, e nem um sacrifício para os seus egos. Eu sou um homem. Este milagre é meu, para possuir e manter. É meu para guardar e usar. Eu não entrego meus tesouros, nem os compartilho.

A fortuna do meu espírito não é como moedas de bronze, para ser lançada aos ventos, como se fora uma esmola para os pobres do espírito. Devo guardar com cuidado os meus tesouros: o pensamento, a vontade e a liberdade, sendo que, o maior tesouro é a liberdade. Não devo nada aos meus irmãos e nem eles, tampouco, me devem algo.

Não peço a ninguém que me sirva e nem sirvo a nenhum outro. Não cobiço a alma de ninguém, nem minha alma é para ser cobiçada. Eu não sou inimigo e nem amigo de meus irmãos, mas cada um deles têm o que merece. Para ganhar o meu respeito, meus irmãos devem fazer mais do que ter nascido.

Eu não concedo o meu respeito de graça, pois a honra é uma coisa que precisa ser conquistada. Quero ter amigos entre os homens, mas que eles não sejam escravos e nem mestres, sei que devo amar e respeitar, mas não mandar nem obedecer. Devemos juntar nossas mãos quando quisermos, ou caminharmos sozinhos quando desejarmos, pois no templo de seu espírito, cada homem está sozinho.

Cada um tem o direito de manter o seu templo intocado e imaculado, se assim o desejar. Cada um pode juntar suas mãos à de outro, se quiser, mas apenas por sua vontade. A palavra "Nós" nunca deve ser falada, exceto por sua escolha e segundo o seu desejo.

Esta palavra nunca deve ser colocada em primeiro lugar na alma do homem, senão ela se torna um monstro, a raiz de todos os males na terra, a raiz da tortura do homem pelos homens e uma mentira indescritível.

A palavra "Nós" é como uma lima sobre os homens, que define e endurece a pedra, e esmaga tudo abaixo dela, e aquilo que é branco e o que é preto são perdidos igualmente no cinza. É a palavra pela qual os depravados roubam a virtude do bem, pelo qual os fracos roubam o poder do forte, pelo qual os tolos roubam a sabedoria dos sábios.

Qual é a minha alegria se todas as mãos, mesmo as impuras, podem me tocar? Qual é a minha sabedoria, se até os tolos podem me conduzir? Qual é a minha liberdade, se todas as

criaturas, mesmo as malvadas e impotentes, são meus mestres? Qual é a minha vida, se tudo o que faço é apenas curvar, concordar e obedecer?

Mas acabei com esse credo de corrupção.

Acabei com o monstro do "Nós", a palavra da servidão, da pilhagem, da miséria, falsidade e vergonha. Eu agora vejo o rosto de deus, e levanto este deus sobre a terra, esse deus que os homens procuraram desde que surgiram, esse deus que lhes concederá alegria, paz e orgulho. Este deus, que é a palavra: EU!

CAPÍTULO DOZE

Foi quando eu li o primeiro dos livros que encontrei em minha casa, que descobri a palavra "eu". Quando entendi essa palavra, o livro caiu de minhas mãos e chorei... Eu que não conhecia as lágrimas...

Chorei pela minha libertação e com pena de toda a humanidade. Entendi a coisa abençoada que chamava de "minha maldição" e compreendi, finalmente, que o melhor que havia em mim, eram os meus pecados e minhas transgressões e, mais, compreendi por que nunca senti culpa dos meus pecados. Entendi que nada, nem mesmo séculos de cadeias e algemas, serão capazes de matar o espírito do homem, ou o sentido da verdade dentro dele. Tenho lido muitos livros por esses dias e minha mente se torna, cada vez, mais clara e mais aberta.

Então chamei a Cabelos Dourados e comentei com ela o que tinha lido e aprendido. Ela olhou para mim e as primeiras palavras que ela falou foram:

- Eu te amo.

Então eu respondi:

- Minha querida, não é apropriado que as pessoas não possuam nomes.

Houve um tempo em que cada homem tinha um nome próprio para distingui-lo de todos os outros homens. Então, vamos escolher nossos nomes. Li sobre um homem que viveu muitos milhares de anos atrás, e de todos os nomes desses livros, ele é aquele que desejo para mim. Aquele homem tomou a luz dos deuses e a levou para a humanidade, e ensinou os homens a serem deuses.

Ele sofreu por sua ação, como acontece com todos aqueles que são portadores de luz. Seu nome era Prometheus.

- Será o seu nome, disse a Cabelos Dourados.

- Também li sobre uma deusa, eu disse, que era a mãe da terra e de todos os deuses. O nome dela era Gaea. Deixe este ser o seu nome, minha Cabelos Dourados, pois você deve ser a mãe de um novo tipo de deuses.

Agora eu olho para frente e meu futuro parece claro para de mim. O santo, cuja morte na fogueira eu assisti, na minha infância, parece que leu o meu futuro e escolheu-me para ser o seu herdeiro, bem como eu seria o herdeiro de todos os santos e todos os mártires que vieram antes dele e que morreram pela mesma causa, pela mesma palavra, independentemente do nome que eles deram à sua causa e a sua verdade.

Eu morarei aqui, na minha casa. Devo tirar a comida da terra pelo trabalho das próprias mãos e, cada vez mais, aprender os segredos dos livros. Durante os próximos anos, vou reconstruir as realizações do passado e abrir o caminho para levar ainda mais longe, as conquistas que estão abertas para mim, mas fechadas para sempre aos meus irmãos, pois suas mentes estão paralisadas pelo medo e pela ignorância. Descobri que o meu poder do céu, já era conhecido há muito tempo pelos homens e eles o chamavam de eletricidade. Foi esse poder que moveu suas maiores invenções. Ele acendeu esta casa com luz que veio desses globos de vidro nas paredes. Encontrei o motor que produziu esta luz e vou aprender como repará-lo e como fazê-lo funcionar novamente. Vou aprender a usar os fios que carregam esse poder. Então eu vou construir uma barreira de fios ao redor de minha casa e através dos caminhos que levam à minha ela.

Uma barreira de luz, como uma teia de aranha, mais impenetrável do que uma parede de granito. Uma barreira que meus irmãos nunca poderão atravessar, porque eles têm medo e porque eles não têm nada com que lutar, salvo a força bruta de sua ignorância, enquanto que eu tenho a minha mente.

Então, aqui, nesta montanha, com o mundo abaixo de mim e nada acima, senão o sol, eu vou viver minha própria verdade. Gaea está grávida do meu filho e o nosso filho será criado como um homem. Ele será ensinado a dizer "eu" e a assumir o orgulho sí próprio. Ele será ensinado a caminhar com seus próprios pés. Ele será ensinado a reverenciar o seu próprio espírito.

Quando eu tiver lido todos os livros e compreendido o meu novo caminho, quando minha casa estiver pronta e minha terra cultivada, eu irei, pela última vez, à cidade maldita do meu

nascimento, com um propósito muito justo. Devo chamar o meu amigo, que não tem nome, o Internacional 4-8818, e todos aqueles que gostam dele, o Fraternidade 2-5503, que chora sem razão, o Solidariedade 9-6347 que pede ajuda na noite e alguns outros.

Chamarei todos os homens e as mulheres, cujos espíritos não estejam mortos dentro deles, e que sofrem sob o jugo de seus irmãos. Eles haverão de me seguir e eu os dirigirei para a minha fortaleza. E aqui, neste deserto inexplorado, eu e eles, meus amigos escolhidos, meus companheiros construtores, escreveremos o primeiro capítulo na nova história do homem.

Estes são projetos grandiosos, que me dão a sensação de estar abrindo um portal de glórias. Olhando para a história dos homens, que aprendi com os livros, eu me pergunto sobre a liberdade que movia os espíritos daquelas pessoas.

Mas o que é liberdade?

Liberdade ou libertação de quê? Não há nada que possa tirar a liberdade de um homem, salvo outros homens. Para ser livre, um homem deve estar livre de seus irmãos.

Isso é liberdade. Isso e nada mais.

No início, o homem foi escravizado pelos deuses. Mas ele quebrou essas correntes. Então ele foi escravizado pelos reis. Mas ele também quebrou essas correntes. Ele foi escravizado por seu nascimento, por seus parentes e por sua raça. Mas ele quebrou todas essas correntes. Ele declarou a todos os seus irmãos que, um homem, tem direitos que nem deuses, nem o rei, nem os outros, podem tirar-lhe, independentemente do seu número, pois o dele é o direito do homem, e não há direito na Terra acima desse direito. E sempre que esse direito não for respeitado, com certeza, o sangue será derramado.

Mas, em algum momento do passado, o homem desistiu de tudo o que conquistou, e caiu o mais baixo, que seria possível cair, e voltou ao estado selvagem.

O que teria acontecido?

Que desastre levou o ser humano, a se tornar no que se tornaram os meus irmãos? Que chicote o amarrou, de joelhos, com vergonha e submissão? O que teria levado a humanidade a desenvolver o culto da palavra "nós"?

Quando os homens aceitaram esse culto, toda a estrutura cultural colapsou. Toda a estrutura do pensamento, desenvolvida ao longo do tempo, se perdeu de repente. Parece que algo muito grave aconteceu e quase todos morreram. Aqueles que sobreviveram, se tornaram ansiosos por obedecer e, também, se tornaram ansiosos para viver uns pelos outros, como uma tábua de salvação. Mas esses homens não preservaram a cultura do passado. Assim, todo pensamento, toda ciência e toda sabedoria, pereceram na terra.

Assim, esses sobreviventes perderam a ligação com o passado e, conseqüentemente, perderam as torres de aço, os navios voadores, os fios de energia e todas as coisas que não criaram e, portanto, nunca poderiam manter. Talvez, mais tarde, alguns homens tenham nascido com a mente e a coragem de recuperar essas coisas que estavam perdidas. Talvez esses homens tenham procurado os Conselhos de Estudiosos, mas, certamente, foram tratados da mesma maneira que eu fui e pelas mesmas razões.

Mas eu ainda me pergunto como foi possível, nesses longos anos de transição, que os homens não percebessem para onde estavam indo, e continuassem, com cegueira e covardia, em direção a tão triste destino. É muito difícil para mim conceber, como homens que conheciam a palavra "eu", puderam desistir e não perceber o que perderam.

Mas essa tem sido a história, pois eu a vivi na cidade dos malditos e senti na carne, através do chicote, o que os homens do terror são capazes de fazer. Talvez, naqueles dias, houvesse alguns entre os homens, alguns de vista clara e alma limpa, que fossem diferentes e tivessem alguma visão. Que agonia deve ter sido a sua – eu penso - ante o que eles viam e não podiam parar!

Talvez eles gritassem em protesto e em advertência. Mas não eram ouvidos. E eles, esses poucos, lutaram uma batalha sem esperança, e acabaram morrendo com suas bandeiras manchadas por seu próprio sangue. Eles escolheram perecer, pois eles sabiam. Para eles, envio

minha saudação ao longo dos séculos e minha tristeza. Para eles dedico a minha bandeira de liberdade.

Gostaria de poder dizer para essas pessoas de corações desesperados, que há esperança para a batalha que, aparentemente, elas perderam, pois a batalha da mente nunca será perdida. Aqueles que morreram para trazer a luz do esclarecimento a humanidade, nunca poderão perecer, realmente. Apesar de toda a escuridão e de toda a vergonha, de que alguns homens sejam capazes, ainda assim, o espírito humano permanecerá vivo nesta terra.

O espírito da evolução pode dormir, mas vai acordar. Pode ser acorrentado, mas vai passar. E o homem continuará. Homem, não homens. Aqui, nesta montanha, eu, meus filhos e meus amigos escolhidos, construiremos nossa nova terra e a nossa fortaleza. A nossa obra haverá de se tornar o coração da terra, perdida e escondida no início, mas crescendo e crescendo a cada dia, a palavra alcançará todos os cantos da terra. As estradas do mundo se tornarão como veias, que levarão o sangue do conhecimento aos quatro cantos da terra.

E todos os meus irmãos, e os conselhos de irmãos, ouvirão sobre essas coisas, mas eles serão impotentes contra mim. E virá o dia em que eu quebrarei as correntes da ignorância, libertando as cidades dos escravizados, e a minha casa se tornará a capital de um mundo, onde cada homem será livre para existir por sua própria conta. Eu, meus filhos e meus amigos escolhidos, lutaremos por essas transformações e pela liberdade do homem. Por seus direitos, pela vida e por sua honra.

Aqui, nos portais do meu forte, gravarei na pedra, a palavra que será o meu farol e a minha bandeira. A palavra que não morrerá, mesmo que todos morram na batalha. A palavra que nunca poderá morrer nesta terra, pois é o seu coração, o significado e a glória.

A palavra sagrada é: EGO!

HINO

Por
Ayn Rand

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, **COMPARTILHE !**

Edição Criada e Formatada por:

<http://www.elivros-gratis.net>

Tradução de Ubiratan Jardson dos Montes

Contato: ubiratandosmontes@hotmail.com

Conheça o Projeto 1000 Livros em:

<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>